

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Campus Poços de Caldas

Curso de Psicologia

Ana Clara Azevedo Cândido

Samantha Almeida Andaku Vieira

Das identidades à produção de sentido: A construção da identidade profissional de um grupo de alunas do curso de graduação em Ciência da Computação em uma universidade do sul de Minas Gerais.

Poços de Caldas/MG

Junho/2024

Ana Clara Azevedo Cândido
Samantha Almeida Andaku Vieira

Das identidades à produção de sentido: A construção da identidade profissional de um grupo de alunas do curso de graduação em Ciência da Computação em uma universidade do sul de Minas Gerais.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da PUC Minas, Campus Poços de Caldas, como requisito parcial para obtenção do título de psicóloga.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Mendes Resende

Poços de Caldas/MG

Junho/2024

Ana Clara Azevedo Cândido
Samantha Almeida Andaku Vieira

Das identidades à produção de sentido: A construção da identidade profissional de um grupo de alunas do curso de graduação em Ciência da Computação em uma universidade do sul de Minas Gerais.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da PUC Minas, Campus Poços de Caldas, como requisito parcial para obtenção do título de psicóloga.

Prof^a Dra. Fernanda Resende – PUC MINAS (Orientadora)

Prof^a Ms. Cylmara Lacerda Gontijo – PUC MINAS (Banca Examinadora)

Poços de Caldas/MG

Junho/2024

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a nossa orientadora por ter desempenhado esse papel tão fundamental no desenvolvimento desse projeto, nos ajudando no que fosse preciso, mesmo fora do horário de aula, nos incentivando, auxiliando nas escritas, fazendo os devidos comentários e objeções quando eram necessárias sempre de maneira educada e gentil, focando no nosso aprendizado, no desenvolvimento acadêmico e profissional.

Durante toda a graduação ficamos ansiosas para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, sempre imaginando que seria muito difícil, que nos causaria estresse e muita ansiedade. Porém, com a nossa orientadora e seu cronograma de atividades bem organizado, conseguimos fazer do Trabalho de Conclusão de Curso uma atividade mais leve, muito diferente do que eram nossas expectativas. Sendo assim, agradecemos imensamente a ela por ter vivenciado esse momento marcante na vida de todo aluno.

RESUMO

A estatística demonstra uma discrepância entre o percentual de concluintes de graduação, por sexo, nos cursos de Ciência e Tecnologia do país, evidenciando-os como majoritariamente masculinos (Inep, 2022). A literatura aponta que a baixa representatividade das mulheres em tais áreas perpassa por questões de gênero, uma vez que os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres foram historicamente construídos e enraizados em nossa sociedade (Amaral et al. 2017; Follador, 2021; Silva et al. 2022; Souza & Loguercio, 2021). O estudo tratou-se de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, cujo objetivo foi compreender como um grupo de alunas de um curso de Ciência da Computação de uma universidade privada do sul de Minas Gerais, estão construindo as suas identidades profissionais, através de uma análise dos sentidos por elas atribuídos ao processo de escolha do curso, as vivências acadêmicas e as expectativas para o futuro profissional. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e um grupo focal, posteriormente os dados foram analisados à luz do Construcionismo Social. Os resultados revelaram que as alunas percebem o androcentrismo na área e embora tenham apontado o tratamento igualitário por parte da docência de seu curso de graduação, sentem-se excluídas nas relações com discentes do sexo masculino. Aponta-se a necessidade da prática da sororidade no curso, e que os docentes estejam atentos às possíveis reproduções de discursos e condutas que não valorizem a presença e as contribuições femininas na área da tecnologia.

Palavras-chave: Processos identitários, mulheres, produção de sentidos.

ABSTRACT

The statistics demonstrate a discrepancy between the percentage of graduates, by gender, in Science and Technology courses in the country, showing them to be mostly male (Inep, 2022). The literature points that the low representation of women in such areas is due to gender issues, since the social roles attributed to men and women were historically constructed and rooted in our society (Amaral et al. 2017; Follador, 2021; Silva et al. 2022; Souza & Loguercio, 2021). The study was an exploratory research of a qualitative nature, whose objective was to understand how a group of students from a Computer Science course at a private university in the south of Minas Gerais, are building their professional identities, analyzing the meanings they attribute to the process of choosing the course, their academic experiences and their expectations for the professional future. Semi-structured interviews and a focus group were made, and subsequently analyzed by a Social Constructionism perspective. The results revealed that female students perceive androcentrism in the area and although they pointed to equal treatment by the teaching staff of their course, they feel excluded in relationships with male students. The need to practice sorority in the course is highlighted, and for teachers to be aware of possible reproductions of speeches and conducts that do not value the presence and contributions of women in the area of technology.

Keywords: Identity processes, women, production of meaning

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Problema	9
1.2. Objetivo	10
1.2.1. Objetivo Geral	10
1.2.2. Objetivos Específicos	10
1.3. Justificativa	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1. O conceito de identidade	11
2.2. Gênero, identidade e poder	12
2.3. Linguagem e produção de sentido	14
2.4. Panorama das mulheres nas áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática 16	
3. METODOLOGIA	17
3.1. Público- alvo	18
3.2. Local	18
3.3. Instrumentos de Pesquisa	19
3.4. Procedimento de Análise	20
4. ANÁLISE DE RESULTADOS	20
4.1. O processo de escolha do curso	20
4.2. A experiência acadêmica	23
4.3. As expectativas a respeito do futuro profissional	25
4.4. A construção das identidades profissionais	27
4.5. A sororidade no Curso da Ciência da Computação	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	38
APÊNDICE A Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	38
APÊNDICE B Roteiro de Entrevista	42
APÊNDICE C Transcrição da Entrevista nº 1	44
APÊNDICE D Transcrição da Entrevista nº 2	53
APÊNDICE E Transcrição da Entrevista nº 3	63
APÊNDICE F Transcrição do Grupo Focal	72

1. INTRODUÇÃO

A ideia para a elaboração desta pesquisa surgiu a partir da experiência no Projeto de Extensão Universitária chamado Alc@ance - TI, oferecido pela PUC - Minas Gerais, campus Poços de Caldas e idealizado pelo prof. Will Machado, do curso de Ciência da Computação, com o apoio do curso de Psicologia. O projeto teve como objetivo promover ações que visavam incentivar mulheres, jovens e adultas, para atuação no mercado de TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação). Por meio de uma demanda espontânea das alunas extensionistas do curso de Ciência da Computação, surgiu a ideia de elaborar um estudo em que estas tivessem a oportunidade de narrar suas vivências acadêmicas, em um campo majoritariamente masculino, na perspectiva de que possibilitar uma ressignificação de suas experiências e que promover um maior sentimento de pertencimento em relação ao curso.

O curso de Ciência da Computação passou a ser ministrado no Brasil na década de 60, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sendo o primeiro do gênero no país. A formação em Bacharel em Ciências da Computação possui o tempo médio de 4 a 5 anos de curso e os alunos estudam diversas tecnologias da computação e sistemas de informação. O setor da tecnologia ocupa uma das primeiras posições no ranking de carreiras mais promissoras, apresentando uma crescente demanda por profissionais qualificados na área (Brasscon, 2021). No entanto, verifica-se o desafio da inclusão de mulheres no setor, uma vez que ocupam apenas 15% das vagas nos cursos nacionais de Computação e Tecnologia da Informação (Inep, 2022).

Segundo a literatura, a baixa representatividade das mulheres nas áreas de ciência e tecnologia perpassa por questões de gênero, uma vez que os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres foram historicamente construídos e enraizados em nossa sociedade (Amaral et al. 2017; Follador, 2021; Silva et al. 2022; Souza & Loguercio, 2021). Ressalta-se ainda que a normatividade científica sempre esteve associada a atributos tidos como masculinos, tais como neutralidade, objetividade e racionalidade, o que acaba por influenciar na construção de vínculo com o conhecimento e no desinteresse feminino em tais áreas (Moreira, Mattos e Reis, 2014; Lima, 2013). Ademais, houve um apagamento histórico do percurso das mulheres na área da Ciência da Computação, invisibilizando suas contribuições. A suposta alienação feminina diante da tecnologia, caracteriza-se como efeito de uma construção histórica e cultural, que associa a tecnologia a representações que convergem à masculinidade e ao poder (Schwartz et al., 2006).

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo compreender como as alunas do curso de Ciência da Computação da PUC – Minas Gerais, Campus Poços de Caldas, estão

construindo suas identidades profissionais, considerando os sentidos que atribuem ao seu processo de escolha do curso, vivências acadêmicas e expectativas para o futuro profissional. Para tanto, buscou-se como aporte teórico os estudos de Ciampa (1984), compreendendo o conceito de identidade como algo dinâmico e em constante transformação. Nesse processo, a identidade se mostra como efeito de um discurso de autoria coletiva que, embora seja percebida como uma totalidade permanente e temporal, “eu sou assim”, ela consiste numa “totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una” (Ciampa, 1984 p. 61). Também se fez necessário a compressão do conceito de gênero e sexo, ancorando-se nas definições de Judith Butler (2023), uma vez que o objetivo da pesquisa está relacionado a vivência das alunas em um curso majoritariamente masculino. Butler (2023) afirma que partindo da premissa que a formação do sujeito ocorre dentro do campo de poder, e sendo o sexo objeto do conhecimento, deve ser analisado como produto da relação saber-poder, considerando seus efeitos no sujeito.

Vale ressaltar que a principal ferramenta da pesquisa foi a linguagem, pois interessou os relatos das alunas, coletados através de entrevistas individuais e participação em um grupo focal. Buscou-se o entendimento dos conceitos de linguagem e produção de sentido, segundo Spink e Medrado (1999). Tais autores afirmam que dar sentido às coisas e ao mundo é algo inevitavelmente humano, pois desta forma o indivíduo é capaz de lidar com as situações e fenômenos que ocorrem na vida. Porém, os sentidos são dados pela linguagem e pelo processo dialógico que ela implica, uma vez que se constitui como um processo social que acontece no dinamismo das relações, historicamente situadas e culturalmente localizadas.

À luz da perspectiva do Construtivismo Social, foi realizada a análise dos relatos das participantes, evidenciando-se cinco unidades temáticas: O processo de escolha do curso; A experiência acadêmica nas relações com discentes, docentes, instituição e cotidiano pessoal; A construção das identidades profissionais; e A sororidade no curso da Ciência da Computação. Vale ressaltar que o presente estudo se configurou como qualitativo e conforme aponta Suassuna (2009), a pesquisa desta natureza atenta-se à multiplicidade de dimensões presentes no fenômeno estudado e, portanto, a análise dos dados não se esgota numa possível categorização destes, devendo ser visto de uma forma aproximativa das possibilidades de explicação da realidade.

1.1. Problema

Como as alunas do curso de Ciência da Computação da PUC – Minas Gerais, Campus Poços de Caldas, estão construindo suas identidades profissionais, a partir do momento em que

ingressam no curso de graduação, compreendendo os sentidos que atribuem ao seu processo de escolha do curso, suas vivências acadêmicas e as expectativas para o futuro profissional?

1.2. Objetivo

1.2.1. Objetivo Geral

Compreender como as alunas do curso de Ciência da Computação da PUC – Minas Gerais, Campus Poços de Caldas, estão construindo suas identidades profissionais.

1.2.2. Objetivos Específicos

A. Compreender como se deu o processo de escolha do curso pelas alunas de Ciência da Computação;

B. Compreender como as alunas do curso de Ciência da Computação vivenciam a experiência acadêmica, na sua relação com discentes, docentes, instituição e cotidiano acadêmico;

C. Compreender as expectativas que as alunas do curso de Ciência da Computação têm a respeito do futuro, atuando na área.

D. Analisar como as alunas do curso de Ciência da Computação estão construindo suas identidades profissionais.

1.3. Justificativa

O estudo justificou-se pela necessidade de maior compreensão sobre como as mulheres estão construindo suas identidades profissionais, os sentidos que atribuem às suas vivências acadêmicas (nas relações com docentes, discentes e instituição), e quais suas expectativas futuras, uma vez que os estereótipos atuam como obstáculos para a entrada e permanência de mulheres nos cursos de formação das áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção do referencial teórico foi realizada uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002, p. 44) é desenvolvida “com base em material já elaborado, constituído

principalmente de livros e artigos científicos”. Com isso, buscou-se livros e artigos de revistas científicas disponíveis em diversas plataformas eletrônicas como Scielo, Pepsic, Google Scholar e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A busca foi realizada com base em palavras-chave combinadas como: identidade, gênero, produção de sentido, mulheres em STEM - Science, Technology, Engineering and Mathematics e Ciência da Computação.

A pesquisa bibliográfica fundamentou-se na articulação das seguintes abordagens: a perspectiva de identidade de Ciampa; a sexualidade, normatividade e performatividade de gênero segundo Butler; linguagem e produção de sentido como fenômeno sócio-histórico segundo Spink e Medrado; e o panorama das mulheres nas áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

2.1. O conceito de identidade

Percebe-se na literatura que não há um consenso sobre o conceito de identidade, no entanto, segundo o autor e psicólogo Antônio da Costa Ciampa (1984), ao lançar a pergunta “Quem sou eu?”, compreende a identidade como dinâmica, estando em constante transformação, a depender da história pessoal do sujeito e os atravessamentos de seu contexto social. De acordo com o autor, a identidade se mostra como a descrição de uma personagem feita por um discurso de autoria coletiva. Embora a identidade seja percebida como uma totalidade permanente e temporal, “eu sou assim”, ela consiste numa “totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una” (Ciampa, 1984 p. 61). Considerando os aspectos constitutivos de sua produção, identidade possui historicidade e o caráter atemporal, podendo ser a própria representação e também o processo de produção, já que supõe uma representação prévia que a constitui. A exemplo o autor cita que, mesmo antes de nascer, um indivíduo já é representado como “filho” de alguém e com o tempo, essa representação é assimilada na objetividade social do indivíduo, na medida em que as relações das quais está envolvido, confirmam concretamente essa representação. Ainda que, na linguagem corrente o indivíduo diga “sou filho” e perceba a identidade como dada e esgotada no objeto social “filho”, o indivíduo “vai sendo filho”, uma vez que essa representação é repostada a cada momento, num processo contínuo de identificação. Desta forma, através de rituais sociais, o indivíduo reatualiza uma identidade pressuposta, sendo resposta a algo dado e daí, a expectativa de que se deva agir (e deva ser tratado) de acordo com “o que é”.

Quando o indivíduo “torna-se algo” lhe é dada uma identidade, sendo assim, a cada momento de sua existência e a cada posição que o determina, lhe é conferida uma identidade vista como atemporal e permanente, que o autor chamou de *mesmice*, porém, manifesta-se como desdobramento das múltiplas determinações a que o indivíduo está sujeito. Sendo assim, “tornar-se mãe” diz respeito à maternidade que, por sua vez, é considerada um fenômeno social, enquanto assim for classificado como tal. A “mãe” se identifica e é identificada desta forma por encontrar equivalência em outras “mães”, assegurando a *mesmice* de si, e sua identidade de “mãe” se constitui e permanecerá enquanto estiver sendo repostada cotidianamente. (Ciampa, 1984 p. 61)

Embora essa “mãe” também seja “filha” de alguém, essa posição lhe é negada uma vez que ameaça a posição de sua própria “filha”. O que o indivíduo “está sendo” lhe confere uma identidade pressuposta que nega aquilo que ele “é sem estar sendo”, ou seja, enquanto desempenha papéis, oculta outras partes de si, estando impedido de expressar o outro “outro”, que também é ele. Nesse sentido, o sujeito apenas poderá comparecer no mundo frente a outrem quando ocorrer a negação da “negação”, ou seja, quando deixar de presentificar uma apresentação de si que foi cristalizada, deixando de repor uma identidade pressuposta, e desta forma, ser metamorfose.

O autor conclui que sendo o ser humano um ser histórico, o existir humanamente não é limitado no seu “vir-a-ser”, mas possui o caráter imprevisível e de infindáveis possibilidades. Porém, não está liberado das condições históricas que vive, não sendo possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo, do estudo da sociedade, uma vez que “as possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações de ordem social” (Ciampa, 1984 p. 72).

2.2. Gênero, identidade e poder

A filósofa Judith Butler, em sua obra “Problemas de gênero – Feminismo e Subversão da Identidade”, traz uma reflexão a respeito da impossibilidade de existência de apenas uma identidade, da ordem metafísica, mas de identidades pensadas no plural. Questiona em que medida é a “identidade” um ideal normativo, e em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão de gênero constituem a identidade (Butler, 2023 p. 43). Desta forma Butler desloca a discussão sobre a teoria de gênero para o campo dos efeitos do poder.

A autora cita as contribuições de Foucault acerca do tema identidade de gênero, centradas nos conceitos de sexualidade e normatividade. Foucault (2013) compreende o poder

não como “entidade”, mas como exercício, que só existe concretamente quando efetuado em níveis diversos no cotidiano, a partir de instituições (como escola, prisão, hospício, fábrica, meios de comunicação e as ciências). O poder se articula ao saber, e sendo assim, segundo Butler (2003), o sexo sendo objeto do conhecimento deve ser analisado como produto da relação saber-poder, e que tem efeito no sujeito. Partindo da premissa de que a formação do sujeito ocorre dentro de um campo de poder, a autora questiona a identidade do sujeito do feminismo, propondo uma desconstrução do conceito de gênero, e conseqüentemente a dualidade sexo/gênero, na qual se baseia toda a teoria feminista, de que sexo “é natural” e gênero “construído”, conferindo uma unidade à categoria “mulheres”. Sendo assim, indaga se é possível se referir a um “dado sexo” ou a um “dado gênero”, sem antes investigar como estes são dados e por quais meios.

Simone de Beauvoir sugere em *O segundo Sexo* que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2019 p.1), mas sempre sob o imperativo cultural que utiliza o sexo como referência, num contexto da heterossexualidade compulsória, mascarada por uma suposta naturalidade. Podemos acrescentar as reflexões de Butler ao afirmar que “o corpo é uma situação (...) não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais” (Butler, 2023 p. 29), desta forma, o corpo é envolvido no discurso mesmo antes de nascer, ao ser enunciado como “menino” ou “menina” e sendo assim, da mesma forma que o gênero, o sexo não é anterior ao discurso, mas efeito dele.

Butler se opõe a crença de naturalização de gênero e sexo, e reflete se não há uma razão política para tal fenômeno que coloca tais conceitos como substância. Uma vez que entende o sexo como um dado, cujo significado é assumido dentro de uma matriz cultural, a autora defende que faz parte desta construção cultural enxergá-lo como natural, portanto, sexo seria uma ficção. A noção de poder haver uma “verdade” sobre o sexo, segundo a autora, é produzido pelas práticas reguladoras que geram “identidades coerentes” por via de uma matriz de normas de “gêneros inteligíveis”, em que a restrição binária atende aos objetivos de um sistema de heterossexualidade compulsória: “Gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância” (Butler, 2023 p. 69).

Em suas reflexões, Butler desloca a construção de gênero como uma identidade estável, para a noção de uma identidade constituída no tempo e, portanto, uma realização performativa. Sendo assim, os atributos e atos de gênero e as próprias noções de masculinidade e feminilidade, tidas como verdadeiras e permanentes, são criadas mediante performances sociais contínuas.

2.3. Linguagem e produção de sentido

Segundo Spink e Medrado (1999), dar sentido ao mundo é algo inevitável na vida em sociedade. Os autores consideram a produção de sentido no cotidiano como uma construção social, que acontece no dinamismo das relações sociais - historicamente situadas e culturalmente localizadas - das quais as pessoas se valem para compreender e lidar com as situações e com os fenômenos à sua volta. Sendo a produção de sentido uma prática social dialógica, uma vez que o uso da linguagem é que sustenta as práticas sociais geradoras de sentido, ela é tomada como um fenômeno sociolinguístico.

Spink e Medrado (1999) apontam ainda a necessidade de fazer uma distinção entre discurso e práticas discursivas. O primeiro remete às regularidades linguísticas, ou seja, ao uso institucionalizado da linguagem, que podem ocorrer tanto no nível macro dos sistemas políticos e disciplinares, como no nível restrito de grupos sociais, e sendo institucionalizados se caracterizam por uma tendência à permanência no tempo, apesar de existir também a possibilidade de o contexto histórico mudar radicalmente os discursos. Ressalta-se que tal concepção de discurso aproxima-se da noção de linguagens sociais de Bakhtin (1929/1995), entendidas como discursos específicos de estratos da sociedade, num determinado contexto e tempo histórico - como por exemplo de um grupo profissional, de um grupo etário etc.

Segundo Bakhtin (1995), o contexto, que se caracteriza não apenas pelo espaço ou tempo, mas também pela situação e interlocutores presentes ou presentificados, molda a forma e o estilo das enunciações, que o autor chama de gêneros de fala. Sendo assim, é muito comum que numa situação de luto o enunciado “Meus pêsames” seja empregado, o que revela a existência de prescrições e regras linguísticas que orientam as práticas cotidianas e que tendem a perpetuar discursos. Desta forma, Spink e Medrado (1999) salientam que discurso ou linguagem social, são conceitos que focalizam no habitual, ou seja, nas regularidades.

Diferentemente, o conceito de práticas discursivas é definido por Spink e Medrado (1999) como linguagem em ação, que se constitui na dinâmica e nos enunciados orientados por vozes, entendo que os enunciados de uma pessoa estão sempre em contato, ou endereçadas a uma ou mais pessoas, que se interanimam mutuamente. As vozes, compreendem os interlocutores, presentes ou presentificados, como diálogos que se processam na produção de um enunciado. As autoras ressaltam ainda que uma pessoa, ao reproduzir um enunciado, utiliza de um sistema de linguagem e de enunciados pré-existentes, e ao fazê-lo, posiciona-se em relação a ele. Sendo assim, o sentido atribuído no cotidiano, decorre dos repertórios interpretativos que a pessoa dispõe, e portanto, tornam-se componentes fundamentais para o

estudo das práticas discursivas uma vez que, por meio deles, é possível entender a variabilidade das produções linguísticas humanas.

Spink e Medrado (1999) apontam ainda que estudar a produção de sentido implica em retomar a linha histórica, pois os repertórios interpretativos de cada pessoa foram histórica e culturalmente construídos. O sentido no seu contexto dialógico, estende-se ao passado e ao futuro, e sendo assim, mesmos os sentidos instituídos, são passíveis de renovação nos desenvolvimentos futuros do diálogo, até mesmo sentidos esquecidos podem ser recapitulados e atualizados sob novos contextos.

Na busca por compreender a cristalização de discursos institucionalizados, as autoras retomam a perspectiva bakhtiniana sobre a divisão temporal do contexto discursivo e propõem uma divisão temporal semelhante: o tempo longo, o tempo vivido e o tempo curto.

Refere-se por tempo longo o domínio dos conteúdos culturais que foram definidos ao longo da história e que marcam os discursos de determinada época da civilização. É nesse tempo histórico que se pode apreender os repertórios produzidos e reinterpretados por contingências sociais de dada época, e que constituem as vozes do passado que povoam os enunciados do presente, ou seja, antecedem à pessoa, mas se fazem presentes por meio de instituições, modelos, normas, convenções e reproduções sociais.

As autoras definem tempo vivido como o domínio dos processos de ressignificação dos conteúdos históricos a partir das experiências da pessoa no curso de sua vida e, portanto, diz respeito aos esquemas aprendidos desde a infância que serão permanentemente atualizados ao longo da sua trajetória social. No tempo vivido, ocorre a aprendizagem das linguagens sociais próprias das diferentes classes, grupos, faixas etárias etc. Também é o ponto de referência afetiva no qual cada pessoa ancora suas narrativas pessoais e identitárias.

Por fim, o tempo curto refere-se ao domínio das interações sociais, tempo em que se pode compreender a dinâmica de produção de sentido, pois é nele que se dão as possibilidades de construção discursiva das pessoas, “Nesse momento específico, as possibilidades de combinação de vozes, ativada pela memória cultural de tempo longo ou pela memória afetiva de tempo vivido, fazem-se presentes.” (Spink e Medrado, 1999 p.33). Faz-se necessário considerar as interfaces desses três tempos, pois é por meio deles que se processa a produção de sentido, sendo este um fenômeno sócio-histórico.

2.4. Panorama das mulheres nas áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática

Para compreender o panorama das mulheres dentro da Ciência da Computação é necessário fazer o adendo de que houve um apagamento histórico dos percursos das mulheres na área. A primeira pessoa a criar um programa de computador foi Ada Byron (Lady Lovelace), no século XIX, responsável por criar algoritmos que permitiram às máquinas computar funções matemáticas, porém seus feitos foram reconhecidos apenas um século depois. A literatura aponta muitos outros nomes, como Grace Murray Hooper, Kathleen Antonelli, Katherine Johnson, Dorothy Vaughan, Mary Jackson, Marina C. Chen, entre outras (Lima, 2013; Schwartz et al., 2006; Oliveira et al., 2021). A neutralidade exigida pela normatividade científica foi impregnada, historicamente, por valores tidos como masculinos, tais como objetividade e racionalidade. Porém, constata-se que as habilidades matemáticas das pioneiras que contribuíram para o desenvolvimento da informática escapam ao modelo referencial da ciência universal, o que a denuncia como androcêntrica e sexista (Lima, 2013; Oliveira et al., 2021).

Para Moreira, Mattos e Reis (2014) o campo científico continua sendo composto por principalmente homens, o que faz com que eles ocupem melhores cargos e obtenham mais prestígio, então, seja qual for a importância feminina, ela não será igualmente recompensada. As autoras apontam ainda que as diferenças de gêneros influenciam a formação do vínculo com o conhecimento, tendo relação com a definição da área pelas quais as mulheres optam por seguir carreira, inserindo-se em sua maioria, em atividade de cuidado e relacionamento interpessoal. Os autores Amaral et al (2017), afirmam que os repertórios de uma cultura de diferença de gênero são internalizados desde a infância, com a separação dos brinquedos “de menina e de menino”, assim como a associação de jogos eletrônicos como uma atividade masculina.

A baixa presença das mulheres nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) é uma realidade de âmbito nacional e internacional. No contexto nacional, segundo dados do Censo da Educação Superior de 2022 (Inep, 2022) o percentual de concluintes de graduação, por sexo, nos cursos Computação e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), foi de 15,3% mulheres, ante 84,7% homens, o que chama a atenção para a baixa representatividade feminina no setor da tecnologia no país.

De acordo com o relatório Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em STEM realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2018), a educação e a igualdade de gênero são dois dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definidos pela Agenda 2030 e aprovada pela Assembleia

Geral das Nações Unidas (ONU) em 2015. O texto aponta como item essencial para a construção de uma sociedade menos desigual, a inclusão e possibilidades de ascensão de mulheres em STEM, permitindo que elas também se beneficiem do status e da renda que a área pode promover, destacando a importância do âmbito escolar para a quebra de reprodução de discursos sexistas, legitimados na sociedade patriarcal, que inferiorizam as mulheres em suas escolhas profissionais (UNESCO, 2018 p. 11).

Ainda de acordo com o relatório, os principais fatores que influenciam o interesse e o envolvimento feminino em STEM relacionam-se aos âmbitos individual, familiar, escolar e social, em que os estereótipos de gênero se fazem presentes em maior ou menor medida. A exemplo, no âmbito familiar, os fatores socioeconômicos, socioculturais e escolaridade dos pais, assim como os valores e crenças perpetuadas dentro do sistema familiar, influenciam na educação e escolhas das mulheres. No âmbito escolar, a qualificação de docentes e a presença de modelos femininos podem contribuir para a neutralização de estereótipos de gênero (UNESCO, 2018). Lima (2013) afirma que a suposta alienação feminina diante da tecnologia é efeito de uma construção histórica e cultural, que associa a tecnologia à ambição, tenacidade e obstinação, representações que convergem à masculinidade e ao poder. Acrescenta ainda que o interesse da mulher pela tecnologia acaba por ameaçar a imagem de si mesma como feminina.

Nesse sentido a baixa entrada e permanência das mulheres nas áreas exatas, perpassam por questões de gênero, uma vez que os repertórios culturais internalizados, representados como uma expressão natural das diferenças sexuais, acabam por fomentar no senso comum a crença da existência de diferentes vocações, papéis sociais, remunerações, condutas etc. entre homens e mulheres (Amaral et al. 2017; Follador, 2021; Silva et al. 2022; Souza & Loguercio, 2021).

3. METODOLOGIA

O estudo seguiu a linha metodológica da pesquisa de campo, exploratória e de natureza qualitativa. De acordo com Gil (2002, p.17) considera-se pesquisa o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar resposta aos problemas que são propostos”, e a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, para explicitá-lo ou construir hipóteses. Por considerar os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado, seu planejamento tende a ser flexível e sua coleta de dados envolve o levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o fenômeno; e análise de exemplos a fim de estimular a compreensão. Ressalta-se ainda que, os

estudos exploratórios são indicados quando as informações encontradas através da revisão da literatura sobre determinado tema ou problema se mostram escassas ou insuficientes.

3.1. Público- alvo

Apesar de sete alunas do curso de Ciência da Computação terem aceitado participar da pesquisa, ocorreram algumas desistências por motivos não esclarecidos. Sendo assim, foram realizadas três entrevistas com alunas do curso, na PUC Minas campus Poços de Caldas, convidadas a partir das redes sociais, principalmente WhatsApp. Ressalta-se que as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando participar de forma voluntária do trabalho de conclusão de curso das pesquisadoras. Foi informado às entrevistadas sobre o caráter sigiloso de suas participações, esclarecendo que suas identidades seriam preservadas, em seguida foi solicitado que escolhessem nomes fictícios para a pesquisa. As entrevistadas optaram por escolher nomes de mulheres relevantes na história da Ciência da Computação, sendo esses nomes: Hedy Lamar, inventora do sistema de salto em frequência, que deu origem a comunicação sem fio; Ada Lovelace, responsável por escrever o primeiro algoritmo processado por uma máquina; e Dorothy Johnson Vaughan, primeira mulher negra a ser promovida chefe de departamento na NASA.

3.2. Local

O projeto foi realizado dentro das dependências da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais campus Poços de Caldas, que se localiza na Avenida Padre Cletus Francis Cox, 1661, bairro do Country Club, em sala de aula no prédio quatro.

O curso de Ciências da Computação na PUC Minas Campus Poços de Caldas acontece tanto no período da manhã quanto da noite, é realizado no Campus da universidade que se localiza na Av. Padre Cletus Francis Cox, 1661 - Country Club, Poços de Caldas - MG. Em seus estudos nos quatro anos de curso, as alunas e os alunos se equilibram entre aulas teóricas e práticas, que serão úteis para seu ingresso no mercado de trabalho. O curso atualmente possui, no total, 283 alunos, sendo 48 mulheres e 235 homens, e tem como Coordenador o Professor Doutor João Carlos de Moraes Morselli Junior.

3.3. Procedimentos de coleta de dados e instrumentos de pesquisa

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, individualmente, com cada uma das participantes. De acordo com Manzini (1990/1991), a entrevista semi-estruturada centra-se sobre determinado assunto de interesse do entrevistador, sobre o qual constrói-se um roteiro com perguntas principais, porém, esse tipo de entrevista permite a emergência de informações mais livres e respostas não condicionadas, possibilitando que o entrevistador complemente a entrevista com outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas. A técnica da entrevista exige uma compreensão prévia do fenômeno e, portanto, será tomado como base a pesquisa bibliográfica realizada para a construção do referencial teórico do presente estudo, e os relatos espontâneos trazidos pelas alunas da Ciência da Computação.

As participantes foram convidadas a partir de um grupo criado pelas próprias alunas do curso de Ciência da Computação, no aplicativo WhatsApp. Foi combinado um primeiro encontro para esclarecimentos da pesquisa, assinatura do Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TCLE) e agendamento das entrevistas. As entrevistas foram gravadas através de um smartphone da marca Samsung modelo A54, e de um Iphone modelo 15, pelas próprias pesquisadoras.

Foi realizado também um grupo focal, em data posterior às entrevistas, em que buscou-se captar a emergência dos aspectos intersubjetivos de construção de sentido. De acordo com Minayo (2014 p.269), “o grupo focal se constitui num tipo de entrevista ou conversa em grupos pequenos e homogêneos”, que aplicada mediante um roteiro, visa obter informações e aprofundar as interações entre os participantes, e desta forma, fazer emergir opiniões de consenso ou divergências. Nesse sentido, Minayo (2014, p.270) ressalta a função complementar que os grupos focais podem atribuir às informações obtidas por meio das entrevistas individuais, ao permitir:

- (a) focalizar a pesquisa e formular questões mais precisas; (b) complementar informações sobre conhecimentos peculiares à um grupo em relação a crenças, atitudes e percepções; (c) desenvolver hipóteses para estudos complementares; (d) ou cada vez mais, como técnica exclusiva. (Minayo, 2014 p.270)

Portanto, por meio do grupo focal, foi possível trabalhar as temáticas referentes às expectativas para o futuro profissional, a percepção de valorização social da profissão e os desafios que se interpõem em suas trajetórias, de modo a complementar as entrevistas realizadas anteriormente.

3.4. Procedimento de Análise

A análise dos dados foi realizada à luz da perspectiva do Construcionismo Social, de acordo com Gergen (2009, p.301), “A pesquisa construcionista social ocupa-se principalmente de explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam, ou, de alguma forma, dão conta do mundo em que vivem (incluindo-se a si mesmas).” Pode-se dizer que a pesquisa sob a perspectiva construcionista busca articular formas compartilhadas de entendimento, não apenas como existem no presente, mas como existiram em períodos históricos anteriores e ainda como poderão existir no futuro.

Ainda segundo o autor, a visão construcionista atua como uma crítica social em relação ao mundo dado, seja pelas ciências ou pela vida cotidiana, desafiando as bases objetivas do conhecimento convencional, abrindo possibilidade para meios alternativos de compreensão, uma vez que cada “comportamento”, “evento” ou “entidade” estão circunscritos pela cultura, pela história, pelo contexto social ou simplesmente não existem. Nesse sentido, Gergen (2009) afirma que os termos com os quais entende-se o mundo são artefatos sociais, resultados do empreendimento ativo, cooperativo de pessoas em relação. Questiona-se, portanto, o conceito de verdade, dada a forma que um entendimento prevalece ou se sustenta, depende fundamentalmente das vicissitudes dos processos sociais.

Spink, discutindo os processos de produção de sentido no cotidiano, ressalta que nos estudos construcionista, o sentido é entendido como uma construção social e portanto, um empreendimento coletivo (ou interativo), historicamente datado e culturalmente localizado, por meio da qual as pessoas constroem os termos a partir do que compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (M. J. Spink & Medrado, 1999, p. 41).

Assim, a perspectiva construcionista cabe como uma boa alternativa para o processo de análise dos dados desta pesquisa, uma vez objetivou-se compreender as identidades e os sentidos que as alunas do curso de Ciência da Computação ao seu processo de escolha do curso, suas vivências acadêmicas e as expectativas para o futuro profissional.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1. O processo de escolha do curso

Em consideração às escolhas das mulheres nos campos profissionais nas áreas de exatas, verifica-se na literatura a importância do incentivo ao ensino das disciplinas correlatas durante

as suas trajetórias escolares. Porém, as desigualdades de gênero, historicamente mantidas e reproduzidas, agenciam as práticas e relações, e no que diz respeito ao ensino da matemática, as práticas do androcentrismo e do sexismo alcançam as escolas afetando negativamente o desempenho de meninas e mulheres nessa disciplina. O relatório ‘Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em STEM’ desenvolvido pela UNESCO (2018) aponta que há uma disparidade no ensino da matemática desde os primeiros anos da escolarização:

Muitas meninas são impedidas de se desenvolver por conta da discriminação, pelos diversos vieses e por normas e expectativas sociais que influenciam a qualidade da educação que elas recebem, bem como os assuntos que elas estudam. (UNESCO, 2018, p. 10)

Hedy e Ada relataram que não receberam, durante suas trajetórias escolares, incentivos que despertassem o interesse delas pela área de tecnologia. Enfatizaram a percepção de que esse tipo de incentivo estava sempre direcionado para os meninos, atribuindo isso ao fato dos meninos estarem aptos a terem interesse por jogos eletrônicos e as meninas não. As meninas acabam sendo direcionadas para o cuidado e para o ensino, o que ilustra a prática de divisão de papéis relacionada a gênero ainda presente em nossa sociedade.

Que influenciou a minha escolha por tecnologia acho que não teve, a minha trajetória foi bem normal (...) na minha época eu nunca vi um professor de computação falando sobre a área, nunca. (Ada)

Eu acho que muitas vezes a mulher é direcionada ao cuidado e ao ensino, nunca para as exatas, é sempre o menino que é direcionado. Principalmente pelo interesse em jogos, você vê que a maioria dos meninos jogam, aí a criança fica curiosa ‘como é que faz um jogo?’, e aí entra nesse universo. E a menina quando ela joga, às vezes sofre preconceito das próprias meninas, por ser uma atividade mais masculina. (Ada)

Eu acho que a falta de incentivo em relação ao caminho de exatas, ele é escasso desde o fundamental, a gente não é acostumado a direcionar uma menina para essa área a menos que ela mostre uma performance acima da média da sala (...) eu nunca fui direcionada em relação à exatas, nem por pessoas e nem por mim mesma, sempre fugi disso em si, mas eu acredito que realmente exista essa deficiência de associar o feminino ao exato, existe essa dificuldade geral, até mundial, eu acho. (Hedy)

A entrevistada Dorothy cursou o ensino técnico no Instituto Federal em sua cidade natal, embora a ênfase do instituto tenha sido nas áreas de exatas, ela relatou que não recebeu incentivos de familiares a ingressar em um curso técnico por considerarem algo pertencente ao universo masculino.

Quando eu fui entrar no IF, na questão do técnico, eu ouvi meus tios e tias falando que isso era coisa de homem. Então isso sempre me impulsionou ainda mais a fazer coisas voltadas nessa área. (Dorothy)

A entrevistada relatou ainda que presenciou algumas situações de sexismo no Instituto Federal, em que alguns docentes declararam desacreditar na capacidade de aprendizado das alunas nas disciplinas de exatas e técnicas:

Porque no IF eu tinha alguns professores que falavam “isso é de menino”, mas eram professores um pouco mais velhos, que tinham uma cabeça um pouco mais fechada. Então, tinha algumas coisas que eles achavam que a gente não ia conseguir fazer, mas a gente conseguia. (Dorothy)

No entanto, Dorothy ressaltou a importância do contato com as disciplinas de exatas e tecnológicas para o seu desenvolvimento pessoal e abertura para novas possibilidades de atuação no mundo:

Lá (no Instituto Federal) eu acho que foi muito essencial, tanto no quesito de conhecer pessoas diferentes, de conhecer tecnologias diferentes também. Eu acho que abriu um mundo totalmente diferente do que se eu não tivesse entrado lá. (Dorothy)

As falas das entrevistadas Hedy e Ada demonstraram que a escolha pelo curso de Ciência da Computação baseou-se em suas perspectivas futuras de estabilidade financeira e reconhecimento profissional. Hedy relatou que seu marido atuava na área e que as conquistas profissionais alcançadas por ele, assim como o tratamento profissional que ele recebia, a influenciaram para tomada de decisão em relação a transição de carreira, uma vez que antes de ingressar no curso de Ciência da Computação, Hedy graduou-se em um curso da área de Humanas.

E é muito pela influência de como eu via o meu marido ser bem tratado no dia a dia da empresa que ele trabalhava. eu via que ele era respeitado no seu setor (...) E eu dentro dessa trajetória, vi ele sendo tratado com muita dignidade e isso que me interessou na área da computação, também não ter a relação de trabalho direto com outro ser humano, no sentido de lidar diretamente com o cliente, você ter esse intermédio do computador. (Hedy)

Ada por sua vez, relatou que seus pais adoeceram quando ela estava terminando o ensino médio, ficando sob sua responsabilidade o cuidado com a saúde dos pais e a administração financeira da família, sendo assim, a possibilidade de uma estabilidade financeira teve muita influência na escolha do curso.

Pela minha trajetória de vida eu precisava de um curso que me desse uma garantia de uma estabilidade financeira, esse foi o principal motivo (...) dei uma olhada no mercado de trabalho, as perspectivas futuras em todas as áreas, e eu vi que a área de tecnologia era a melhor escolha que eu poderia fazer naquele momento (...) A área de exatas, assim, como vou explicar? Não é o meu forte, mas a gente corre atrás. Mas

não é uma coisa que se fosse pra escolher por amor eu não teria escolhido, computação foi mais por necessidade mesmo. (Ada)

Ada ressaltou ainda que por possuir primos, todos homens, que atuavam na área da Ciência da Computação, ela pôde tomar conhecimento desse campo e considerá-lo como uma possibilidade profissional.

Eu descobri que a computação foi por conta de eu ver alguns familiares meus, senão eu nunca teria essa informação, nunca me foi passado isso. (Ada)

Foi possível perceber nas falas das entrevistadas a discriminação em relação a distinção de atributos e atos de gênero, que segundo a filósofa Judith Butler, são criadas mediante performances sociais. Notou-se que a maioria das entrevistadas tiveram poucos incentivos escolares que as direcionassem para as áreas de exatas e tecnologia, com exceção de Dorothy, que concluiu o ensino técnico, porém conforme seus relatos, a discriminação por questões de gênero esteve presente em sua trajetória. Aponta-se para o fenômeno descrito na literatura como profecia autorrealizável como um fator que pode influenciar no distanciamento das meninas em relação às áreas de exatas. Tal fenômeno pode ser exemplificado quando professores, nos ambientes escolares, acreditam que meninos possuem mais habilidades para as disciplinas exatas do que as meninas, e estas acabam por internalizar tal crença afetando a sua autoconfiança, autoeficácia e resultados nas disciplinas como a matemática (Boffi & Oliveira-Silva, 2021).

Ressalta-se que a presença de modelos familiares nas áreas de ciência e tecnologia costuma ser um fator de influência na escolha pelo curso superior nas mesmas áreas, podendo ser confirmado nos relatos das entrevistadas pois todas tiveram exemplos de pessoas próximas atuando na área da Ciência da Computação. Salienta-se que as entrevistadas fizeram o movimento de romper com os papéis de gênero e se propuseram a seguir pela escolha de um curso ocupado, majoritariamente, pelos homens.

4.2. A experiência acadêmica

Sobre as experiências acadêmicas das alunas entrevistadas, todas relataram vivências semelhantes relacionadas ao curso. Em relação aos docentes e à instituição, as alunas não sinalizaram nenhum tipo de situação sexista, informando que todos os docentes, de maneira geral, tratam os discentes de forma igualitária.

Normalmente os professores daqui eu senti que eles não tratam com indiferença nenhuma (alunos e alunas), é igual para todo mundo, eles não cobram nem mais nem menos, então eu achei bem tranquilo essa parte. (Dorothy)

Foram positivas. O coordenador do curso ele dá, não sei se isso tem em todo curso, mas tipo mentoring? E ele foi bem acolhedor. (Ada)

Percebe-se que as alunas descreveram relações saudáveis com o corpo acadêmico. Em relação às experiências com os discentes do curso relataram vivências de exclusão das alunas, que são a minoria no curso, o que afeta negativamente a rotina acadêmica delas.

Eu acho que sim (sobre a falta de equilíbrio entre número alunos e alunas prejudica a sua formação), porque eu sempre tive mais facilidade para fazer amizades com meninas. Me faz muita falta uma sala com mais meninas, porque os assuntos batem. Porque tem uns assuntos que são de homens e que, pelo amor de Deus, você fica assim, totalmente deslocada, fica até incomodada com as coisas que eles falam. Tem assuntos mais pesados e aí incomoda. Às vezes até incomoda alguns meninos. Os meninos que têm mais amizade com mulheres, ficam incomodados. (Ada)

De acordo com os dados da CNN Brasil (2023), 83,3% do mercado de tecnologia é composto por homens e em mercados como de infraestrutura e de back-end¹, a média é uma mulher para cada dez homens. Segundo Amaral et al. (2017, p. 861), “As mulheres não querem se sentir sozinhas no meio de uma turma cheia de homens”. Os autores citam uma pesquisa realizada pela revista digital Computer Weekly, apontando que 52% das mulheres alegaram que a área da tecnologia é menos atraente para elas devido a preocupações em ser a única mulher na equipe. A entrevistada Ada relatou experiências pessoais e de conhecidas em que percebe atitudes machistas por parte dos colegas homens.

Eu percebo (o machismo), tanto que teve problemas quando meninas foram destaque acadêmico, de falarem que não mereciam, que foram escolhidas apenas porque eram mulheres, mas na verdade era porque elas tinham talento mesmo, elas estudaram para caramba e tiraram nota boa, como os meninos também. (Ada)

Elas (amigas da entrevistada) percebem que elas são excluídas sim, e que em algum momento elas vão ser excluídas, em algum momento elas serão invalidadas, se elas tirarem nota maior. (Ada)

Até hoje, a gente conseguiu um short, um short da Computação (...) aí a gente conseguiu colocar duas meninas na chave e agora que vai ter um body e vai ter mais opção de short. Um short! Porque as meninas gostam disto. Eles acham que a gente não gosta, mas a gente gosta porque a gente vê as outras meninas dos outros cursos

¹ O back-end consiste no servidor Web que hospeda o site, uma aplicação para executá-lo e um banco de dados para armazenar as informações. Como o nome sugere, o desenvolvedor back-end trabalha na parte de “trás” da aplicação, escrevendo programas que garantam que o servidor, a aplicação Web e o banco de dados funcionem bem juntos. (Santiago et al., 2020 p.7).

tendo e a gente não. Então essa mudança de colocar duas meninas que batem de frente, porque batem de frente mesmo, fez a diferença. Fez muita diferença. (Ada)

Ademais, durante as falas das entrevistadas foi fácil notar diversos comentários relacionados às dificuldades de desenvolverem relações amigáveis entre os discentes, tanto alunos quanto alunas. Elas relacionaram essa dificuldade social com timidez e dificuldades de desenvolverem conversas, sinalizando uma falta de repertório em habilidades sociais².

Agora no quinto, veio um pessoal da manhã e até agora eu não vi nenhuma menina (...) Só que eles também, eles se isolaram num canto da sala e fica tipo, é muito engraçado, você vê um canto a parte da noite ou outro a parte da manhã. (Ada)

É que na Computação em geral é muita gente introvertida, então introvertido com introvertido não dá. É um curso meio difícil até para os meninos mesmo, entre eles é uma coisa complicada também. (Dorothy)

Eu queria interagir mais com o pessoal do curso, é que de noite eu acho que é mais fácil, porque de manhã tem pouco período. Eu pretendo ter uma relação um pouquinho melhor com a minha sala, mas tipo, a gente tem uma relação legal, mas eu quero desenvolver uma amizade ou alguma coisa do tipo. Só que às vezes eu não consigo, às vezes eu começo, mas aí eu desisto. Eles tentam conversar, mas eles têm mundos muito diferentes do meu. (Dorothy)

Percebe-se que há certos padrões e congruências de falas, como a relação saudável com a instituição e com o colegiado. Porém, as alunas apontaram dificuldades em se relacionar com os alunos do curso, seja por perceberem comportamentos de exclusão em relação a elas, ou por falta de habilidades sociais dos discentes, alunos e alunas, de maneira geral.

4.3. As expectativas a respeito do futuro profissional

Em relação às expectativas ao futuro profissional, as entrevistadas consideram que o mercado na área de tecnologia constitui-se um mercado em expansão, com possibilidades de atuação mesmo antes da conclusão do curso. Sendo uma área promissora, as entrevistadas relataram almejar conquistas profissionais, seja por meio de um cargo empregatício, empreendendo, ou por meio acadêmico, porém reconheceram a carência de mão de obra qualificada e, por isso, configura-se como uma área muito exigente em relação à busca por qualificação.

² As Habilidades Sociais aplicam-se a um conjunto de comportamentos sociais, valorizados em determinada cultura, que podem contribuir para um desempenho socialmente competente em tarefas interpessoais, favorecendo relacionamentos saudáveis e produtivos, sendo positivo para o indivíduo, seu grupo e comunidade (Del Prette e Del Prette, 2017).

Se a gente for fazer uma retrospectiva, os avanços dos três últimos anos da tecnologia (...) são tantas coisas que estão boladas e evoluindo, que acredito que nem a própria universidade consegue se atualizar em tempo hábil sobre o que está sendo produzido aí fora. Então, é um mercado extremamente próspero (...) eu tenho me atraído pela academia, desenvolver um processo de pesquisa, um mestrado. (Hedy)

Eu tenho bastante perspectiva de futuro na área, mas eu sei que a entrada nela não é fácil (...) tem empresa, que por exemplo, contratou um profissional de TI, aí ele recebeu outra proposta, eles cobrem a proposta para não perder o funcionário. Porque pra eles é difícil achar pleno e sênior. (Ada)

Formando em ciência da computação, eu pretendo fazer engenharia elétrica, ou alguma coisa parecida. (...) pretendo trabalhar numa empresa de embarcados, que é a parte de desenvolvimento de circuitos impressos, placas, a parte que eu realmente gosto. E se algum dia eu realmente conseguir, abrir uma empresa de sistemas de embarcado e aí seria tipo, top do top da carreira profissional. (Dorothy)

As entrevistadas apontaram também a percepção da discriminação de gênero no mercado de trabalho. Tal percepção vai de encontro com o que diz a literatura, na qual, segundo o relatório da Unesco (2019), embora as mulheres tenham alcançado uma maior escolaridade que os homens, na média mundial, ainda recebem menor remuneração (Unesco 2019; Iwamoto, 2022). Ainda segundo a literatura, algumas causas são apontadas para a não permanência das mulheres nas áreas de exatas, tais como: o sexismo, que diz respeito a comentários depreciativos, assédio, estereótipos, e a menor oferta de promoções e prestígio na carreira por motivos relacionados ao sexo; a falta de modelos femininos nessas áreas, tanto no meio acadêmico quanto no mercado de trabalho; o ambiente hostil às mulheres por atos sexistas; o favorecimento aos estudantes do sexo masculino nos ambientes de ensino em relação às disciplinas de exatas; e a pressão cultural de adequação aos papéis de gênero (Boffi & Oliveira-Silva, 2021; Lombardi, 2017; Amaral et al., 2017).

Não existe um lugar imune do machismo, em lugar nenhum em que a gente esteja. Mas eu acho que o impacto no mercado de trabalho é muito maior (...) tem empresa que prefere homem declaradamente. (Hedy)

Meu marido é da computação então, o homem tem acesso a informações que às vezes não chegam até a mulher, porque homem comunica com homem (Hedy).

Essa questão da rede ser maior entre os homens atrapalha o profissional, porque às vezes tem uma oportunidade incrível, mas aí eles chamam os amigos, eles vão dar preferência pelo homem. Isso já aconteceu comigo, assim, ter os mesmos requisitos, mas vão sempre chamar o menino (...) sempre a indicação será para os amigos homens, só quando não tiver um amigo homem que vão indicar uma mulher. (Ada)

Não é fácil não, conviver com muito homem (...) eu só fico pensando no meu salário e nas viagens que eu quero fazer. (Ada)

Nos mercados profissionais que se caracterizam historicamente como majoritariamente masculinos, a existência de embates de poder e a percepção das desigualdades de gênero podem ser mais explícitas do que em outras áreas. Ademais, ambientes androcêntricos propiciam situações de misoginia e assédio moral e sexual, que acabam por ser banalizados dentro de uma cultura profissional machista (Lombardi, 2017). Destaca-se ainda que os locais de trabalho são importantes espaços de observação das relações sociais e expressão de conceitos, preconceitos, linguagens e de identidades, podendo ser observados alguns fenômenos que acabam por desfavorecer a atuação profissional feminina. Entre eles, um dos mais citados na literatura, é o fenômeno “teto de vidro”, quando a jovem profissional consegue progredir na carreira até uma determinada posição de hierarquia, deparando-se com processos não explícitos que barram a continuidade de sua progressão (Boffi & Oliveira-Silva, 2021; Paiva, 2017). Ou seja, o “teto de vidro” refere-se à possibilidade do deslumbre de uma carreira mais desenvolvida, porém impossível de alcançar.

4.4. A construção das identidades profissionais

A identidade não é unitária, mas produto de negociação externa da diferença com outros sujeitos, nesse sentido nossa identidade necessita continuamente de “consulta” ao outro, ou seja, de uma acomodação entre “como eu me vejo” (interna) e “como as pessoas me veem” (externa), e desta forma a identidade é sempre construída socialmente, trazendo com ela não apenas uma historicidade do decorrer da vida do sujeito, mas também padrões comportamentais definidos pelas estruturas sociais (Ciampa, 1994; Chies, 2010; Butler, 2023).

A construção social a respeito da identidade feminina traz muitas interdições cristalizadas nos discursos que, mesmo após muitas lutas e conquistas dos movimentos feministas, ainda cerceiam a liberdade no modo de ser, sentir e agir das mulheres. É necessário reconhecer que as lutas feministas promoveram a inserção das mulheres no mercado de trabalho, possibilitando-a alcançar a autonomia financeira e o reconhecimento profissional, ampliando o seu papel na sociedade. O trabalho constitui-se como um conceito que interfere na construção da identidade social, e a construção de uma identidade profissional feminina envolve o processo histórico de desenvolvimento de uma dada profissão e questões de gênero (Chies, 2010).

Vale ressaltar que, se por um lado alcançar uma carreira profissional permite à mulher uma expressão identitária, tal expressão muitas vezes não é compatível à identidade imposta

como modelo feminino de atuação no mercado. Dentro da nossa estrutura social temos o patriarcado e o capitalismo, ambos se apresentam como campos de dominação e exploração, respectivamente, na qual homens e mulheres ocupam posições diferentes. Ocorre que na estrutura social brasileira, homens e mulheres podem ser subordinados no sistema de exploração do trabalho (capitalismo), porém, a mulher além de ser subordinada a esse sistema, também está oprimida pelo patriarcado. Sendo assim, dentro da estrutura social vigente, independente da profissão que homens e mulheres venham a dividir, inevitavelmente, não podem ter a mesma identidade profissional (Chies, 2010).

Por meio desse questionamento pode-se inferir a emergência de processos discriminatórios que impossibilitam ou dificultam o acesso e permanência de mulheres em determinadas carreiras, sendo percebido nos relatos da entrevistada Hedy.

As mulheres são atingidas por todos os lados e de todas as formas, seja no mercado de trabalho, seja no setor acadêmico, a gente é prejudicada. São vários fatores que vão restringindo a gente, para manter aquela premissa de que uma mulher tem que ficar em casa, parecendo que tudo se direciona para isso. (Hedy)

Há vários tipos de sobrecarga e é uma forma de limitar realmente as mulheres ali. Eu acho que não vivi experiências semelhantes a isso em relação a computação, ou não vivi por enquanto, alguma situação que chegasse a ser colocada para mim dessa forma. Claro que relatos são inúmeros, de amigas, de pessoas ao redor da gente, mas eu tento agir com um pouco de maturidade (...) eu parei de levar coisas tanto para o pessoal a partir do momento que a gente descobre que a gente é só mais uma sofrendo aquilo. (Hedy)

Então, às vezes a gente tem que bater no peito e tipo, ‘vai passar’. Não tem como ficar toda hora: ‘a gente não é tratada igual’. A gente sabe dessas perspectivas. Talvez outras pessoas não tenham tanta clareza disso, mas eu penso que mesmo quando a gente se sente diminuída pelas nossas conquistas, a universidade em si está nos dando essa conquista, né? A gente está tendo mulheres envolvidas nos projetos, a gente está tendo esses empenhos de várias mulheres. (Hedy)

As mulheres quando escolhem profissões que se originaram e se desenvolveram sob uma ótica androcêntrica, acabam tendo que adquirir atributos valorizados nesses contextos, assim como adaptar-se à linguagem e à cultura própria desses ambientes de trabalho, que devem ser pensados como vias de segregação (Chies, 2010). Tal “adaptação” pode culminar em sensação de impotência frente a situações sexistas e misóginas (Iwamoto, 2022).

Há três anos atrás eu bateria de frente, iria pra cima com o máximo que eu pudesse para me opor a isso. Hoje eu vejo que é muito mais estratégico a gente contornar essas situações, para gente se proteger financeiramente, para gente proteger o nosso cargo, para se proteger de outras situações. (Hedy)

Você tem que ser dura com eles (os homens da computação). Tem que ser um pouco brava, e também uma coisa que eu sinto é que tem que ser muito direta. Você quer falar, você fala. Porque você acha que eles vão perceber, não vão. Você tem que falar, tem que ter uma comunicação (...) porque eles estão aqui e eles vão estar no mercado de trabalho, vou conviver com pessoas parecidas com eles, então eu tenho que achar um jeito de ser bom para todos. (Ada)

Eu errei muito no começo do curso e de tanto acontecer isso, você acaba amadurecendo. Eu senti essa mudança (...) falei ‘ah não, vou começar a me jogar nas coisas, aprender’. Se precisar de tal coisa, eu vou e aprendo. Porque a tecnologia, ela exige muito, muito, e você tem que correr atrás.. (Ada)

Conforme apontado pela literatura, existe a tendência mundial de uma intensa presença masculina branca, classe média e alta, nos principais postos de trabalho das áreas de Ciência e Tecnologia (Inep, 2022; Unesco, 2019). Pode-se considerar a área da Ciência da Computação como espaço normativo das perspectivas de gênero (Iwamoto, 2022; Oliveira et al., 2021; Amaral et al., 2017), e ao longo da história, mulheres foram invisibilizadas, inferiorizadas e não reconhecidas por suas contribuições (Chies, 2010).

Embora o estereótipo do nerd tenha como representação social um indivíduo socialmente inadaptado, com dificuldade de interação social e que tem interesse em informática, cultura fantasiosa e ficção científica, houve uma ascensão desse estereótipo, incluindo aqui a figura geek, por conta da popularização da internet, da idolatria aos CEOs do Vale do Silício e expansão do consumo de produtos associados especificamente a esta tribo urbana, amplamente difundida pela mídia hegemônica estadunidense (Santos et al., 2022). Na percepção das entrevistadas, ainda que a mulher faça parte desse universo nerd, ela não é direcionada para áreas de STEM. Pode-se pensar que essa percepção também esteja atrelada às opressões que revelam a desigualdade de gênero e a subalternização da mulher existentes nas relações de consumo (Duarte & Quintão, 2022).

Quando o pessoal fala que é da computação sempre pensa num cara super nerd, de óculos, nunca pensam em uma menina. (Ada)

Associam com mais facilidade um homem branco: um nerd de óculos, branquelo, pra firmar ainda mais o estereótipo (...) Só que as meninas, mesmo quando elas são nerds, ninguém direciona elas para áreas de tecnologia, é ‘ah, vai fazer medicina’, ‘vai fazer engenharia’, essas coisas. (Hedy)

Um monte de gente olha pra mim e fala que eu não pareço com alguém que faz Computação (...) está bastante misturado, mas todo mundo tem um ladinho nerd, o pessoal da computação gosta de uma coisinha assim. (Dorothy)

As mulheres que atuam na área de ciência e tecnologia podem ser associadas ao estereótipo masculino, como socialmente ineptas ou incapazes de se envolver em

relacionamentos (Iwamoto, 2022). Ademais, independentemente de sua orientação sexual, podem ser vítimas do sexismo (Alves et al., 2020), vale ressaltar que a população LGBTQIA + sofre com o princípio da heterossexualidade compulsória (Butler, 2003), sendo discriminada e invisibilizada em diferentes áreas profissionais.

Eu acho de verdade eles (homens profissionais da área) associam a mulher da computação com lésbica, pelo menos o que eu conversei (...) já escutei dos próprios meninos do curso. (Ada)

A discriminação segue em paralelo à construção da identidade profissional feminina uma vez que lutas e reivindicações em prol da conquista dos espaços não se esgotaram. Percebe-se que as entrevistadas possuem a consciência de suas lutas para o alcance de um maior protagonismo feminino na área da Ciência da Computação.

Acho que estou muito mais segura de mim, fico feliz de encarar um curso que muita gente diz que é de homem, só pra tipo “tô indo contra o sistema”. Mas eu acho que eu estou bem satisfeita, acho que a Dorothy de uns anos atrás iria estar feliz. (Dorothy)

4.5. A sororidade no Curso da Ciência da Computação

Acredita-se que a construção das identidades profissionais das mulheres na Ciência da Computação também seja atravessada pela consciência da existência do patriarcado na sociedade contemporânea, assim como o reconhecimento da necessidade de um movimento sociocultural e político de transformação de estruturas sociais. Buscou-se analisar de que maneira as relações das alunas são permeadas pela sororidade.

De acordo com Bacci (2020), a palavra sororidade vem do latim medieval “sororitas”, significando “congregação de monjas” e “soror”, “irmã carnal”, passando a ideia de irmandade entre as mulheres. Como aponta Fernandes (2021), com a emergência da chamada terceira onda do feminismo, o termo sororidade vem sendo usado com frequência por mulheres que lutam pela igualdade de gênero, na sua maioria jovens conectadas às redes sociais que não só articulam ideias e práticas, mas promovem a escuta e a cumplicidade entre as mulheres, podendo-se citar as correntes MeToo (EUA) e NiUnaMenos (Argentina). Pode-se citar também a emergência de agrupamentos autodenominados hackfeministas, que além de problematizar a ausência de diversidade nos processos de desenvolvimento das tecnologias digitais, promovem estratégias de tecnoativismo em resposta aos processos massivos de coleta de dados e vigilância (algoritmos) que contribuem para a permanência das assimetrias sociais e para as expressões de violência de gênero (Natansohn & Reis, 2020).

Embora a palavra sororidade não tenha explicitamente sido pronunciada pelas entrevistadas, percebeu-se a consciência da necessidade de uma maior cumplicidade entre as mulheres da Ciência da Computação, não somente com a criação de uma rede de apoio entre as alunas durante a graduação, mas também pensando numa perspectiva profissional futura de que o favorecimento ao sexo masculino e a distinção de gênero continuarão presentes no mercado de trabalho. Hedy colocou em sua fala a preocupação com situações de assédio e a importância de uma rede de apoio feminina.

O mercado não vai nos tratar da mesma maneira. Por um tempo ainda haverá distinção de gênero, e a gente tem que se ajudar, porque são situações sobre as quais todas nós podemos passar. Uma situação de assédio no trabalho e saber lidar com isso, isso é muito mais comum do que a gente desejaria que fosse. (Hedy)

Dorothy relatou sobre seus esforços em reunir as demais colegas de curso. Sendo ela representante do departamento de esportes do Diretório Acadêmico (DA) da Ciência da Computação, buscou promover uma maior interação entre as alunas do curso, não apenas como uma forma de chamá-las para participarem das equipes esportivas, mas pensando em formas para promover uma maior divulgação de informações relevantes ao curso e às oportunidades profissionais.

Eu já estou com alguns projetos, a gente tem um grupo só de esportes feminino, que eu criei. Também estou para criar um outro só de meninas da 'Compu' pra poder fazer a divulgação, agora que os calouros vão entrar a gente está com um projeto de imprimir o QR Code dos grupos, tanto do feminino quanto geral, para as meninas poderem entrar e também, fazer um grupo só de meninas. (Dorothy)

Estava previsto que o grupo focal realizado para o presente estudo, tivesse participação das demais alunas do curso, sendo o convite divulgado por meio das redes sociais, mas só estiveram presentes duas das entrevistadas. Ada relatou desapontamento com a ausência das colegas de curso, apontando que em conversas informais suas colegas compartilham do sentimento de exclusão de gênero e a necessidade de se apoiarem.

Eu fiquei surpresa porque pensei que mais meninas iam vir (no grupo focal), porque quando converso, elas falam. Aí tem uma oportunidade e elas não vem, não faz sentido (...) porque para mim não adianta reclamar e não ter atitude para resolver, porque só ficar reclamando não adianta nada, a gente sabe que tem uma exclusão das meninas, isso é óbvio, todo mundo sabe, mas aí só ficar reclamando não faz sentido. (Ada)

A entrevistada Hedy relatou o mesmo desapontamento apresentado por Ada, e complementou ressaltando como é difícil fazer o movimento de mobilizar as mulheres do curso em prol de uma rede que beneficiaria a elas próprias. Relatou ainda a preocupação em 'ser

liderança' nesse movimento e ficar sendo vista como referência, e que isso poderia trazer algumas consequências ou retaliações, atribuindo à essa preocupação e à baixa comunhão entre as alunas do curso, a falta de mobilização feminina.

É muito difícil levantar uma bandeira, porque a partir do momento que você abre a boca você está 'fincando' um marco em você (...) eu vejo que não há uma liderança disposta em promover as coisas, não há uma comunhão das meninas para se organizar de alguma forma. (Hedy)

Porém Hedy chama a atenção para a maior facilidade de organização feminina dentro das redes sociais, e reconhece a importância dessas redes de apoio para o compartilhamento de informações e oportunidades entre as mulheres da área.

Dentro da área de dados tem um grupo no Discord que se chama 'Mulheres em Dados' e tem mais de 15000 mulheres conectadas lá. Eles divulgam cursos, vagas, grupos de leitura e várias coisinhas nesse sentido. Isso na computação é legal. Na computação eu sinto que se fecham mais comunidades, só que eu acho que as comunidades virtuais são muito mais fáceis de serem levantadas do que as presenciais. (Hedy)

Vale ressaltar que, de acordo com Tiburi (2016), não é raro encontrar a reprodução do discurso de que entre os homens exista irmandade e que as mulheres não possuem essa capacidade. Este tipo de discurso contribui para que o mito da rivalidade feminina seja perpetuado, mas assim que esforços são aplicados para o fortalecimento de laços de empatia e cumplicidade entre as mulheres, de forma não hierarquizada, o empoderamento feminino emerge através da prática da sororidade. Foi possível notar nas falas das entrevistadas o reconhecimento da necessidade de uma maior união entre as alunas da Ciência da Computação. Percebeu-se o desejo de se organizarem como uma rede de apoio durante o curso com o intuito de compartilhar informações pertinentes à profissão, assim como criar um ambiente seguro para troca de experiências, o que representaria uma estratégia que poderia contribuir para a permanência de mulheres no curso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Ciampa (1994), a identidade é algo dinâmico, em constante transformação e como efeito de um mundo cada vez mais pluralista, no qual novas práticas discursivas influenciam os processos identitários, pode-se dizer que não há uma única possibilidade identitária, mas uma multiplicidade. Porém, no que diz respeito à construção identitária da mulher, deve-se considerar a influência do discurso hegemônico patriarcal na formação discursiva do que venha a ser, no senso comum, uma 'identidade feminina'.

Butler (2023) afirma que a distinção entre sexo e gênero é uma construção social, rejeitando a naturalização das determinações biológicas e enfatizando que as convenções culturais produzem os significados ao corpo-sexuado e as experiências identitárias, tendo como base a heterossexualidade compulsória. Nesse sentido, gênero não é uma propriedade do sujeito, mas uma performance: algo que se faz nas ações cotidianas, efeitos de um discurso regulado por uma estrutura muito rígida e que delimita possibilidades.

Na literatura, diversos estudos apontam que a baixa entrada e permanência das mulheres nas áreas exatas, perpassam por questões de gênero e buscou-se, por meio deste estudo, fazer um recorte específico sobre os processos identitários que influenciam as alunas do Curso de Ciência da Computação, utilizando seus relatos como forma de ilustrar o que se evidencia na literatura, através de uma análise atenta da linguagem e dos sentidos por ela utilizados para descrever sua experiência escolar, acadêmica e perspectivas profissionais.

Os resultados da presente investigação mostraram que as entrevistadas tiveram pouco, ou não receberam, incentivos escolares que as direcionassem para uma escolha profissional na área de exatas, apontando a percepção de que os homens são mais direcionados para essa escolha profissional. Ressalta-se que todas as entrevistadas tiveram a presença de modelos familiares nas áreas de ciência e tecnologia, o que pode ter sido um fator de influência na escolha pelo curso de Ciência da Computação.

A respeito de sua experiência acadêmica nas relações entre discentes, elas relataram sofrerem exclusão por parte dos seus colegas homens, também relataram a percepção de comentários ofensivos em relação às conquistas acadêmicas das alunas. Percebem ainda dificuldades em desenvolver relações de amizade, que atribuem à falta de habilidades sociais, tanto dos alunos quanto das próprias alunas.

Vale ressaltar que, espaços androcêntricos podem propiciar um ajustamento feminino ao ambiente, numa tentativa de adaptar-se à cultura do local, reproduzindo ideias que circulam nesses espaços e assumindo uma atitude passiva para evitar confrontação, o que acaba por naturalizar condutas de assédio e discriminação efetuadas por colegas homens (Lombardi, 2017). Ademais, pode-se apontar como atos de discriminação quando eventos sociais são organizados de forma excludente às mulheres, assim como o uso de linguagem inapropriada e piadas, que não estão direcionadas a nenhuma mulher especificamente, mas que ofendem, ao referir-se de forma pejorativa à feminilidade, como forma de piorar o ambiente para as mulheres (Lombardi, 2017).

Pode ser evidenciado pelos relatos das alunas que elas não percebem condutas de discriminação de gênero em suas experiências com os docentes, porém não ficou claro se os

docentes adotam uma postura efetiva em relação a inclusão das mulheres nas salas de aula. Quando o colegiado não perpetua modelos de discriminação na instituição, havendo o intuito de promover ambientes anti-machistas, as condutas dos docentes acabam por influenciar o comportamento de seus alunos (Manus, 2022). Por esse motivo torna-se imprescindível que o corpo docente esteja capacitado para lidar com a diversidade em sala de aula, mantendo-se informado e atento à reprodução de discursos e condutas que não valorizem a presença e as contribuições femininas na área da tecnologia.

Todas as entrevistadas consideram a área na tecnologia como promissora, com possibilidades de realizações profissionais, porém percebem a discriminação de gênero no mercado de trabalho em tecnologia, desfavorecendo a atuação e ascensão profissional da mulher. Destaca-se que as entrevistadas reconhecem a importância do fortalecimento de laços de empatia e cumplicidade entre as mulheres, através da prática da sororidade, possuindo o desejo de se organizarem como uma rede de apoio durante o curso, com o intuito de compartilhar informações e estabelecer um ambiente seguro para troca de experiências, o que representaria uma estratégia para a permanência das alunas no curso.

Como limitação deste estudo assinala-se que os dados foram baseados em relatos de uma amostra reduzida de alunas do curso de Ciência da Computação de uma universidade do sul de Minas Gerais. Sugere-se para investigações futuras, uma análise das tarefas interpessoais, o repertório de Habilidades Sociais e papéis sociais, dos discentes do curso de Ciência da Computação. Destaca-se a importância de implementar estudos que visam compreender melhor o processo de constituição da identidade profissional das alunas do curso de Ciências da Computação, sugerindo, portanto, que novas ampliações sejam realizadas com pesquisas voltadas para o mesmo curso em outras universidades do país.

REFERÊNCIAS

ALVES, Natalia Fernandes Teixeira et al. Mulheres no Contexto de Trabalho: Representações Sociais a partir da Orientação Sexual. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 421-441, 2020.

AMARAL, Marília Abrahão et al. Investigando questões de gênero em um curso da área de Computação. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, p. 857-874, 2017.

BACCI, Claudia Andrea. Ahora que estamos juntas: memorias, políticas y emociones feministas. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, p. e72446, 2020.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. *Segundo Sexo, Vol.2: A Experiência Vivida*, Difusão. 5.ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOFFI, Letícia Carolina; OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina. Enfrentando as estatísticas: estratégias para permanência de mulheres em STEM. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 14, n. SPE, p. 1-27, 2021.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 24.ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, v. 18, n. 2, p. 507–528, maio 2010.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. p. 58-75, São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUARTE, Kelen Cristina; QUINTÃO, Ronan Torres. Práxis de consumo: um estudo sobre a busca da libertação da opressão de gênero no contexto dos jogos on-line. *Cadernos EBAPÉ. BR*, v. 20, p. 794-806, 2023.

FERNANDES, Evelyn Blaut. Morte ao patriarcado: fraternidade, irmandade, sororidade. *cadernos pagu*, p. e216309, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GERGEN, Kenneth J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, Florianópolis, v.6, n.1, p. 299-325, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/download/1807-1384.2009v6n1p299/10807/34334>.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7 ed. São Paulo: Altas, 2022.

IWAMOTO, Helga Midori. (2022). Mulheres nas stem: um estudo brasileiro no Diário Oficial da União. *Cadernos De Pesquisa*, 52, e09301. <https://doi.org/10.1590/198053149301>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Michelle Pinto. As mulheres na Ciência da Computação. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 793-816, 2013.

LOMBARDI, Maria Rosa. Women engineers in construction industry: the feminization possible and gender discrimination. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, p. 122-146, 2017.

MANUS, Ruth. *Guia prático antimachismo: Para pessoas de todos os gêneros*. Ebook Kindle. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14.ed. São Paulo: Hucitec; 2014. cap.10, p. 261-273.

MELUCCI, Antonio. O jogo do eu. São Leopoldo, RS: Focus, 2004, p. 46-47.

MOREIRA, Josilene Aires; DE OLIVEIRA MATTOS, Giorgia; REIS, LuanaSilva. Um panorama da presença feminina na ciência da computação. *GÊNERO, EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO* (2015), v. 65, 2015.

NATANSOHN, Graciela; REIS, Josemira. Digitalizando o cuidado: Mulheres e novas codificações para a ética hacker. *Cadernos Pagu*, n. 59, p. e205905, 2020.

OLIVEIRA, Leander Cordeiro de et al. Cultura da computação para além da normatividade: participações e produções. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, p. e60462, 2021.

PAIVA, Adriana Pontes. Divisão sexual do trabalho e teto de vidro: o desenvolvimento da carreira de mulheres cientistas. In: *Anais do 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13º Womens Worlds Congress*, Florianópolis. 2017. p. 1-12.

PERALTA, Deise Aparecida. Women, mathematics and the curriculum proposal of "first letters schools": a perspective of Habermas' discursive ethics. *Ciência & Educação*, v. 28, 2022.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia*, v. 12, n. 1, p. 02-17, 2004.

SANTIAGO, Cynthia Pinheiro et al. Desenvolvimento de sistemas Web orientado a reuso com Python, Django e Bootstrap. *Sociedade Brasileira de Computação*, 2020.

SANTOS, Paulo Junio dos; FAGUNDES, André Francisco Alcântara; OLIVEIRA, Cíntia Rodrigues de. "Symbolic Territories of Identity", *Geeks: Fantasy and Fiction*

Consumption in the Construction of Collective Identities in an Urban Tribe. *Organizações & Sociedade*, v. 29, p. 74-97, 2022.

SILVA, Uyara Ferreira et al. Problemas enfrentados por alunas de graduação em ciência da computação: uma revisão sistemática. *Educação e Pesquisa*, v. 48, p. e236643, 2022.

SOUZA, Juliana Boanova; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. Fome de quê? A [in] visibilidade de meninas e mulheres interdidas de atuarem na Educação das áreas Exatas. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 27, p. e21069, 2021.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano. . In: SPINK, M.J., (org.) *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano*. São Paulo, Cortez, 1999.p. 22-40.

SUASSUNA, Livia. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. *Perspectiva*, v. 26, n. 1, p. 341-377, 2008.

SCHWARTZ, J. et al.. Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?. *Cadernos Pagu*, n. 27, p. 255–278, jul. 2006.

TIBURI, Marcia. Prefácio. IN: *Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco). (2020). *Women in science (UIS Fact Sheet, 60)*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375033/PDF/375033eng.pdf.multi>

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco). *Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)*. Brasília: Unesco, 2018.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco). *Uma equação desequilibrada: participação crescente de Mulheres em STEM na ALC (América Latina e Caribe)*. Montevideú: Unesco, 2020.

MULHERES na tecnologia: cenários, desafios e nomes que marcaram a história. CNN Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/mulheres-na-tecnologia/#:~:text=A%20quest%C3%A3o%20%C3%A9%20que%20apesar,3%25%20dos%20cargos%20de%20tecnologia>. Acesso em: 08 de abril de 2024

APÊNDICES

APÊNDICE A | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º Registro CEP: CAAE 75731623.7.0000.5137

Título do Projeto: Processo identitário profissional de um grupo de alunas do curso de graduação em Ciências da Computação em uma universidade do sul de Minas Gerais

Prezada Sra.,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará a compreensão de como as alunas do curso de Ciências da Computação da PUC – Minas Gerais, Campus Poços de Caldas, estão construindo suas identidades profissionais

Você foi selecionada porque é uma aluna do curso de Ciências da Computação. A sua participação neste estudo consiste em participar de entrevistas narrativas, que serão gravadas em um smartphone Samsung modelo A54 e em um Iphone modelo 15, realizadas no prédio 4 da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais campus Poços de Caldas, localizada na Avenida Padre Cletus Francis Cox, 1661, no bairro Country Club. Além disso, participar também de um grupo focal.

Os riscos (e/ou desconfortos) envolvidos neste estudo são leves constrangimento em comentar sobre sua experiência. Como forma de minimizar os riscos/desconfortos indicamos a Clínica-Escola de Psicologia da PUC Minas campus Poços de Caldas para atendimentos psicoterápicos.

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do participante:

Av. Padre Cletus Francis Cox, 1661 - Fone: (35) 3729-9200

CEP 37714.620 - Poços de Caldas - Minas Gerais - Brasil

email: cep.proppg@pucmiinas.br

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder as questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade das pesquisadoras responsáveis pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído. Serão responsáveis pelo arquivamento do material a pesquisadora Fernanda Mendes Resende.

Rubrica do Pesquisador:
Rubrica do participante:

Av. Padre Cletus Francis Cox, 1661 - Fone: (35) 3729-9200
CEP 37714.620 - Poços de Caldas - Minas Gerais - Brasil
email: cep.proppg@pucminas.br

Os resultados dessa pesquisa servirão para beneficiar as participantes no processo de entendimento identitário delas mesmas para assim ter mais consciência da sua escolha profissional.

Para todos as participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você receberá uma via deste termo onde constam os dados de contato das pesquisadoras responsáveis, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável:

Fernanda Mendes Resende, fernandaresende@pucpcaldas.br

Clínica-Escola de Psicologia 37299288

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone (31)3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, e tem como objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Rubrica do Pesquisador:

Rubrica do participante:

Av. Padre Cletus Francis Cox, 1661 - Fone: (35) 3729-9200
CEP 37714.620 - Poços de Caldas - Minas Gerais - Brasil
email: cep.proppg@pucmiinas.br

Eu, Ana Clara Azevedo Cândido, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

Eu, Samantha Almeida Andaku Vieira, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

Eu, Fernanda Mendes Resende, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

Rubrica do Pesquisador:
Rubrica do participante:

Av. Padre Cletus Francis Cox, 1661 - Fone: (35) 3729-9200
CEP 37714.620 - Poços de Caldas - Minas Gerais - Brasil
email: cep.proppg@pucmiinas.br

APÊNDICE B | Roteiro de Entrevista

Bloco 1 - motivos, influências e experiências escolares:

1. Qual a sua idade?
2. Está em qual período?
3. Quais foram os motivos que te levaram a escolher tal curso?
4. Seus familiares ou pessoas próximas apoiaram a sua escolha?
5. Durante a sua vida escolar, você considera que recebeu influências ou incentivos (por parte de professores ou pelas experiências escolares) a seguir uma carreira nas áreas de exatas?
6. Durante sua vida escolar, como foi o incentivo na área da tecnologia?

Bloco 2 - trajetória universitária:

1. Você consegue se lembrar das suas primeiras impressões assim que iniciou o curso - Em relação à universidade, ao curso, professores e colegas de turma? Se sim, pode falar um pouco sobre elas?
2. Hoje, no período em que você se encontra, essas impressões mudaram? Se sim, em quais sentidos?
3. Você considera que há um equilíbrio no número de mulheres e de homens na sua turma? E no seu curso de uma forma geral?
4. Você considera que há um equilíbrio entre o número de professores e professoras no seu curso?
5. Em relação às perguntas 3 e 4, se a sua resposta foi de que não há um equilíbrio, você considera que este fato seja um problema para a sua formação? Por que?
6. Durante a sua trajetória universitária até o momento, recorda-se de ter vivenciado alguma situação que te fizesse sentir constrangida na sua posição de mulher, ou que considera ter sido uma discriminação de gênero?
7. Você já residia na cidade onde está localizada a universidade em que estuda, ou você teve que mudar de cidade para estudar?
8. Você considera que possui, ou está construindo, uma boa rede de apoio na sua trajetória universitária? De familiares, colegas de turma ou de pessoas próximas?

Bloco 3 - identidade e perspectivas futuras:

1. Você faz estágio ou já estagiou na área? Se sim, como tem sido ou foi para você?

2. Apesar de todos os desafios que a vida universitária pode nos impor, você considera estar satisfeita com a sua escolha de curso? Por quê?
3. Você vislumbra um futuro profissional atuando na área? Você se identifica como uma profissional da área?
4. Quais as suas perspectivas futuras?
5. Fazendo mentalmente uma retrospectiva, pensando do momento em que você escolheu o curso até o momento atual, você considera que houve mudanças em você? Como pessoa, como mulher, como estudante universitária... se sim, essas mudanças foram positivas, negativas ou ambas?

APÊNDICE C | Transcrição da Entrevista nº 1

Entrevistadora 1: Samantha Almeida Andaku Vieira

Entrevistadora 2: Ana Clara Azevedo Candido

Local: PUC - Minas Gerais, Campus Poços de Caldas

Entrevistadora 1: Então iniciando, me diz qual a sua idade e em qual período você está?

Dorothy: Eu tenho 21, vou fazer 22 agora em março. Estou no quarto período da Computação, iniciando agora, eu... falando um pouco da escolaridade, eu fiz ensino médio no Instituto Federal como técnico em eletrotécnica, foi lá que eu comecei a gostar mais dessa parte tanto de computação tanto de hardware... que lá é mais voltado para a parte elétrica e eletrônica, e foi a parte que eu mais gostei. Em 2020 foi a minha formatura e eu entrei no IF de novo em engenharia de computação só que foi quando estourou a pandemia, no mesmo dia que eu fiz a minha matrícula. Aí eu fiz um semestre na pandemia, no segundo semestre eu consegui um emprego como técnico de celulares, aí nisso eu não estava gostando muito da parte da online daí eu tranquei a faculdade. Aí nisso eu peguei um ano inteiro para estudar, que foi 2021 e prestei o Enem de novo e consegui bolsa 100% aqui pra PUC, aí eu entrei no segundo semestre de 2022, que daí eu comecei fazer Ciências da Computação. Eu gosto bastante do curso, eu gosto mais da parte de hardware, não gosto tanto assim parte código e programação, eu gosto mais da parte física e de montar... é e aí na parte da Ciências da Computação a gente não vê tanto isso quanto a gente veria na engenharia, então formado em ciência da computação eu pretendo fazer uma engenharia elétrica, ou alguma coisa parecida pra trazer essa parte.

Entrevistadora 1: Entendi... ah, se você veio do IF, lá eles são bem voltados para o ensino das ciências exatas... como foi a sua experiência lá?

Dorothy: Eu gostei bastante. Eu acho que me ajudou muito a montar o meu pensamento, a forma de eu pensar. eles trabalham muito nessa parte de desenvolvimento, que no ensino médio que te começa a literalmente montar nossa mente, o que a gente gosta que a gente não gosta, a gente vai se descobrindo... e lá eu acho que foi muito essencial, tanto no quesito de conhecer pessoas diferentes, de conhecer tecnologias diferentes também... eu acho que abriu um mundo totalmente diferente do que se eu não tivesse entrado lá. E também abriu outras portas, que daí eu já saio com ensino técnico e aí já saí e consegui um emprego, hoje em dia eu trabalho aqui na PUC na área de TI também, aí então foi o que me ajudou a chegar no quesito profissional.

Entrevistadora 1: Sobre a escolha do curso, você recebeu influências de familiares, conhecidos? Seus familiares te apoiaram? Como foi?

Dorothy: Na verdade fui eu que quis fazer a parte da Computação mesmo... que eu gostava um pouquinho de código, gostava da parte... e aí, ah... eu quero seguir essa área. Minha família nunca me pressionou para fazer faculdade nem nada, eu que quis vim mesmo, e aí eu e eu foquei mesmo em conseguir a bolsa ou tentar uma federal, só que sempre é integral então complica um pouquinho federal. Aí foi quando eu consegui a bolsa e vim para cá, mas meus pais sempre me apoiaram meus irmãos tudo.

Entrevistadora 1: Você tem alguém na área da tecnologia na sua família? Ou na área de exatas?

Dorothy: Tem a minha irmã, que mora na Alemanha, ela trabalha na área de TI. Eu não vou saber exatamente o cargo dela assim, mas ela é mais essa parte de analista de sistemas, essas coisas...

Entrevistadora 1: E ela trabalha lá?

Dorothy: Sim, eu não vou saber o nome da empresa, é lá na Alemanha e tipo, ela trabalha nessa área. Também tenho um irmão que é engenheiro de produção e ele trabalha em Alfenas. Eu tenho uma irmã que é... minhas duas irmãs são formadas... meus três irmãos: um irmão é formado em administração e outras duas irmãs em administração também, aí já... cada um tem um está em um lugar também.

Entrevistadora 2: E tem irmão mais novo?

Dorothy: Eu sou a caçula.

Entrevistadora 1: Tem mais alguma coisa que você queira falar da sua trajetória escolar e das influências para a escolha do curso?

Dorothy: Eu sempre quis fazer assim... quando eu fui entrar no IF na questão do técnico, eu ouvi meus tios e tias falando que isso era coisa de homem. Então isso sempre me impulsionou ainda mais fazer coisas voltadas nessa área. E hoje em dia sou bem independente em questão dessas partes em ter que fazer as coisas. Então uma coisa que motiva muito é falar “nossa, isso é coisa de homem”. É falar isso pra mim e pode ter a certeza de que eu vou fazer.

Entrevistadora 1: “Não tem lugar onde eu não possa estar” né?!

Dorothy: Eu faço questão de ir fazer o que eles falam!

Entrevistadora 1: Ok, então vamos seguir e falar um pouco da sua trajetória universitária. Então você iniciou na engenharia?

Dorothy: Eu comecei na engenharia de produção, online, aí como eu estava trabalhando e ninguém sabia quando ia acabar a pandemia, então tipo... eu ia ter que sair do trabalho e eu

não queria, eu queria ter a minha Independência, mesmo meu pai falando que tipo “não, se quiser você sai”, mas eu achava meio que sacanagem deixar tudo pro meu pai. Aí eu peguei tranquei a faculdade, cursei o primeiro período inteiro e na metade do segundo eu comecei a pegar firme pra estudar pro Enem de novo. Aí foi que eu consegui a bolsa aqui. Quando eu entrei gostei bastante do curso, até hoje eu gosto. Eu ainda tô entendendo as áreas que eu vou seguir, mas tem muita coisa que... além do curso eu ainda vou aprender, mas eu estou gostando em geral, tô gostando bastante. Aí no quesito de amizade, de eu me dar bem com as outras pessoas... eu tenho um pouco de dificuldade, mas é porque eu sou um pouco fechada. Em relação a isso, na minha sala mesmo já não consigo muito conversar com as pessoas. Mesmo às vezes, conversando comigo e isso... eu ainda tenho um bloqueio assim, em questão de fazer amizade.

Entrevistadora 1: Como que é na sua turma? Porque a gente está vendo que tem uma diferença entre o número de homens e mulheres, é muito desigual.

Dorothy: É, então... na minha turma quando eu entrei eram 14 pessoas só, três meninas e o resto meninos. Aí eu tinha feito uma amizade que era a Lia (nome foi alterado, fictício), só que ela passou para a noite então agora, nesse período a gente está separada. E agora sobrou só eu e a Jana (nome foi alterado, fictício), só que eu tinha mais aqui afinidade com a Lia que foi pra noite, e com a Jana eu já não tenho tanta afinidade... e tem os meninos. Os meninos sempre bem fechados neles. Não que eles me destratem nem nada, mas não faço parte do meio de amigos deles. Então, sei lá... tem trabalho? Eles vão fechar o grupo deles e não vão pensar em me chamar, entendeu? Aí tem essas coisas...

Entrevistadora 1: Não rola uma interação?

Dorothy: É, tem essa interação meio assim...

Entrevistadora 1: E no trabalho aqui na Puc? Como que é?

Dorothy: No trabalho já... adoro meu trabalho, adoro o pessoal que trabalha comigo porque todo mundo ali faz o curso, tem um rapaz que trabalha comigo que era da minha sala, só que ele teve que passar para a noite agora, aí tem um rapaz que está num período antes de mim, está no terceiro... E a gente se dá super bem, aí a questão do relacionamento é bem tranquilo.

Entrevistadora 1: No trabalho flui?

Dorothy: É, no trabalho flui mais tranquilo mesmo. Daí a gente já passa o dia inteiro junto, e passa perrengue junto... é bem mais fácil.

Entrevistadora 2: Você trabalha com o que aqui na facul?

Dorothy: Eu trabalho no Centro de Recursos Computacionais, o CRC.

Entrevistadora 2: E quais foram as suas primeiras impressões quando você entrou pro curso?

Dorothy: Eu achei que eu sabia muita coisa, mas não sabia nada. E que de primeira assim, eu tinha gostado porque essas primeiras matérias são matérias mais leves. Eu gostei da parte de hardware, mas a gente só vê no primeiro e segundo períodos, no resto a gente não vê mais. Aí desde a parte da ciência mesmo, mas eu gostei assim, do primeiro eu gostei bastante, o período passado foi um período bem desafiador porque eu não gostei muito das matérias, foi um período meio chatinho pra mim... nesse período já tô animada porque são matérias que tem a ver do que eu gosto, daí já são umas partes mais interessantes... aí eu já tô mais animada. Aí é isso, tem uns períodos que você não gosta muito, no outro melhora...

Entrevistadora 2: A gente ouviu falar de uma matéria que chama TC...

Dorothy: TCLF? É com o professor Iran, o pró-reitor, meu chefe. Foi bem tranquilo também, é uma matéria complicada, mas o professor ajudou bastante, ele deu uns pontinhos pra gente conseguir recuperar...

Entrevistadora 2: Uma curiosidade, sobre o que é essa matéria?

Dorothy: A gente mexe com um “autômato finito” é como se fosse é se por exemplo, é como se a gente criasse linguagem... gente vê como as linguagens são criadas, é que é muito difícil de explicar por que é difícil de entender também, mas eu meio que como a gente consegue desenvolver gramáticas e linguagens que existem hoje em dia, de programação. Então ela é a base para criação de qualquer outra linguagem, qualquer outro tipo de linguagem você queira criar futuramente. Inclusive a matéria de compiladores que a gente tem que nesse semestre é a continuação dela, que é quando o computador ele vai pegar uma linguagem de alto nível, que é a programação que a gente usa, JAVA, C... e ele vai compilar com uma linguagem mais simples para virar uma linguagem de máquina, porque a linguagem de máquina é zero um, binária. Agora a gente tá aprendendo isso, daí vai misturar um pouquinho... um pouquinho de tudo. Essa é a matéria desafiadora do semestre, e também tem uma bem legal que é criptografia e segurança de dados.

Entrevistadora 1: Em relação aos professores, o que você sente deles, como é que eles são em aula? Eu digo, em relação a essa diferença entre o número de mulheres e homens, como é que eles lidam com isso em sala de aula?

Dorothy: Olha, normalmente os professores aqui eu senti que eles não tratam com indiferença nenhuma, é igual para todo mundo, eles não cobram nem mais nem menos, então eu achei bem tranquilo essa parte, até porque no IF mesmo eu tinha alguns professores que tipo... falava “isso é de menino” ... mas às vezes é eram professores um pouco mais velhos, que

tinham uma cabeça um pouco mais fechada... então tinha algumas coisas que eles achavam que a gente não ia conseguir fazer, mas a gente conseguia. Aí era só um comentáriozinho assim, que a gente sentia..., mas aqui eu nunca senti nada, aqui os professores tratam a gente tudo igual.

Entrevistadora 1: E os alunos homens do curso?

Dorothy: É... os meninos eu acho... não sei se eles têm medo de falar com a gente. Não sei, eu acho que eles ficam com vergonha e a gente fica com vergonha, aí eles não têm iniciativa de começar a conversar com a gente, a gente também não tem... então ná é questão que eles excluem a gente, é questão tipo, não vai partir deles, mas também vai partir da gente... aí fica o impasse no meio.

Entrevistadora 2: Faltam extrovertidos?

Dorothy: É que na Computação em geral é muita gente introvertida, então introvertido com introvertido não dá... então é um curso meio difícil até para os meninos mesmo, entre eles é uma coisa mais complicada também.

Entrevistadora 1: Você já morava aqui na cidade ou se mudou por conta da faculdade?

Dorothy: Eu nasci em Pirassununga, estado de São Paulo, só que mudei pra Poços quando tinha três anos de idade, então sou quase poços caldense.

Entrevistadora 1: Sua família está aqui então?

Dorothy: Minha família está aqui, meu pai, minha mãe, tio, tia... eu tenho tia e o tio em Pirassununga, mas em geral está todo mundo aqui.

Entrevistadora 2: Hoje, com relação a você no primeiro período até agora, você percebe mudanças em você?

Dorothy: Eu acho que hoje eu me sinto bem mais confortável no curso, em questão de todo mundo junto... tipo, no primeiro período eu tinha medo de andar na PUC, porque tipo, era muita gente, sei lá, eu ficava com muita vergonha. Porque na verdade eu sou bem tímida. E eu não tinha amizade com ninguém, você não conversa ninguém, então você fica... eu não queria nem sair da sala muito pra não ficar conversando com as pessoas. Mas hoje em dia já sinto bem mais segura assim, de se precisar conversar com alguém... até por causa do meu trabalho, então fica bem mais fácil agora. No primeiro período eu ainda não trabalhava aqui, comecei no finalzinho do primeiro período, então eu acho que eu mudei bastante, tanto de conhecimento quanto de relacionamento. Agora eu converso um pouco mais com a minha sala também, só que nada de mais, nada do tipo de amizade, só colega de classe. Então eu acho que eu desenvolvi um pouquinho mais isso.

Entrevistadora 1: E período que vem você vai pra noite?

Dorothy: É, período que vem eu vou pra noite, mas da noite eu já conheço algumas pessoas então... e eu faço parte do diretório acadêmico do meu curso também, então isso já me ajuda a conhecer mais gente.

Entrevistadora 1: Ah! Então você e mais uma colega que são do D.A agora?

Dorothy: É, que eu saiba tinha de menina... tinha eu, a Lara (nome fictício) e a Nádia, eu não sei se alguma delas saiu. Eu sou a coordenadora de esportes, e aí agora eu também fiquei com a parte das roupas femininas e essas coisas... eu que tô meio de conquistamos o short para as meninas...

Entrevistadora 2: Ah, esse short, que foi uma conquista, sua colega que entrevistamos comentou.

Dorothy: Eu que tô fazendo essa intermediação das meninas com o grupo, no D.A não tinha meninas no diretório, daí eu comecei com esportes, a gente já conseguiu jogar na Olimpuc, foi o primeiro time da computação, no semestre passado e foi bem legal! Então, eu já estou com alguns projetos, a gente tem um grupo só de esportes feminino, que eu criei. Também estou para criar um pouco só de meninas da Compu para poder fazer a divulgação, agora que os calouros vão entrar a gente está com um projeto de imprimir o QR Code dos grupos, tanto do feminino quanto geral, para as meninas poderem entrar e fazer um grupo só de meninas... e o grupo geral pra elas poderem ver tudo certinho, daí eu já conversei com o pessoal do diretório, eu estou fazendo esses esquemas pra poder integrar as meninas.

Entrevistadora 1: E como é que é estar no D.A, que não tem um histórico de mulheres lá dentro?

Dorothy: não sei muito por que a verdade é metade menino, mas o presidente eu conversei bastante com ele, porque eu que estou dando umas ideias pra ele... e tem o André também, que ele era da manhã e que recebeu o meu período e tal... são as 2 pessoas que eu mais conversei, mas também nada demais. Aí os outros eu não conheço porque está cada um com um setor né, e nunca teve uma reunião geral... só uma vez que tipo, eu fui lá pra imprimir uns negócios pra eles e eles estavam conversando, aí eu entrei e todo mundo ficou quieto, todo mundo ficou tímido, aquele climão, mas é típico de menino da computação. Mas em geral é tranquilo, eles escutam minhas ideias, eles não me ignoram, eles estão bem firmes pra resolver as roupas femininas... aí eu fico pegando no pé também, “eu quero roupas femininas” ... né? E a gente está fazendo agora. E aos poucos eu estou o que foi querendo integrar cada vez mais as meninas.

Entrevistadora 1: É, é bem importante a integração das meninas, que já são poucas, é essencial né?

Dorothy: É, porque do curso inteiro a gente tem um grupo, que foi uma professora que criou, que tem 24 meninas, só... no curso inteiro. Por isso que eu estou querendo pegar essa parte da divulgação, eu até falei com o presidente do D.A. e ele super topou, pra gente fazer a divulgação também, aí eu tô querendo criar um novo grupo pra entrar todas as novas meninas, as que estão entrando e as que já estão no curso, estou com esse projeto. Dáí eu acho que vai ser legal, porque eu quero chamar as meninas para os esportes, pra gente poder competir mais na Olimpuc, dáí eu que organizo os treinos, então, tô querendo correr atrás disso.

Entrevistadora 2: É, uma pergunta... tem todo esse estereótipo de nerd que é mal nos esportes, como é que é isso?

Dorothy: Ah, a gente não ganhou na Olimpuc, a gente perdeu no primeiro jogo..., mas a gente participou e acho que isso já foi um bom começo. Foi o primeiro time e é muito difícil a questão de horário com as meninas, muito, muito difícil, porque a gente juntou o time mesmo que ia jogar como titular, no dia da Olimpuc. Então tipo, as vezes o treino tem três, ou duas e mais eu... porque tipo, eu jogava vôlei e futsal no IF, eu competi pelo IF um pouquinho, então, eu sei um pouquinho... aí entrou outras meninas que sabia basquete... só que é muito difícil conseguir horário e interesse das meninas, como tem pouca menina que a gente tem contato, por isso que eu quero fazer uma divulgação maior agora nesse semestre, pra ver se tem mais interesse, pra fazer mais treino... o D.A conseguiu comprar uma rede, uma bola, e aí tipo, já ajuda bastante nos treinos... então, é complicado, mas em questão de esporte, tem bastante gente que gosta de esporte, tem bastante estereótipos agora da computação. Antigamente, realmente, era mais nerd assim... e agora hoje em dia é um pouquinho de cada. Um monte de gente olha pra mim e fala que eu não pareço com alguém que faz Computação, acha que eu faço Fisioterapia... ninguém fala que eu faço computação.

Entrevistadora 1: É, a gente já ouviu que os estereótipos estão quebrando, que agora o pessoal que tem entrado na Computação é bem diferente do que entrava antigamente.

Dorothy: É, antes realmente, normalmente era o pessoal que gostava de jogos..., mas ultimamente tem entrado muita gente por causa de carreira, de desenvolvimento profissional, ou porque o pai está falando ou a mãe está falando... tem muita gente que entra pro curso achando que é fácil, também, aí tem muita gente que desiste. Então tem muita gente que diz “ah, vou entrar porque ganha dinheiro”, mas esquece que é um perrengue, que é um curso difícil. Mas assim, mudou bastante o estereótipo, em questão de esporte os meninos jogam super bem e tem um pouquinho de cada agora. É até difícil falar porque está bastante misturado, mas todo mundo tem um ladozinho nerd, o pessoal da computação gosta de uma coisinha assim...

Entrevistadora 1: Você gostava de jogar?

Dorothy: De jogo não, eu nunca fui muito de jogo. Mas eu sempre gostei da parte de séries, da parte de desenho, de quadrinhos da Marvel e DC, heróis... sempre gostei dessas outras partes. Mas nunca fui muito de jogar não.

Entrevistadora 1: Mais alguma coisa que você queira colocar da sua trajetória universitária aqui na Computação?

Dorothy: Em questão a objetivos eu queria interagir mais com o pessoal do curso, é que de noite eu acho que é mais fácil, porque de manhã tem pouco período. Eu pretendo ter uma relação um pouquinho melhor com a minha sala, mas tipo, a gente tem uma relação legal, mas eu quero desenvolver uma amizade ou alguma coisa do tipo. Só que as vezes eu não consigo, as vezes eu começo, mas... aí eu desisto. Mas eu pretendo melhorar um pouquinho essa parte.

Entrevistadora 1: Você desiste, mas por conta de que?

Dorothy: Ah tipo, eles tentam conversar, mas tipo, eles têm mundos muito diferentes do meu. A maioria do pessoal da minha sala não trabalha, eles só pegam pra estudar. E tipo assim, eu já sou casada, eu já moro sozinha com o meu marido, tenho gatinhos, e eu já tenho que trabalhar e estudar... então, os assuntos são muito diferentes. Às vezes eu os escuto falarem que jogaram o final de semana inteiro, eu no final de semana fiz faxina... entendeu? Então são coisas que às vezes os assuntos não batem. Daí isso dá uma travadinha na hora de criar relacionamentos.

Entrevistadora 1: E em relação as suas perspectivas futuras? Você já trabalha aqui, você teve algum outro estágio na área?

Dorothy: O estágio talvez eu pretenda fazer um projeto, ou eu pretendo realmente fazer um estágio em algum outro lugar e não aqui, mas isso eu estou pensando ainda, talvez um projeto seria mais fácil pra mim, senão eu teria que trancar um período inteiro, pegar só matéria de estágio, e fazer um estágio de verdade então. Até já tenho um projeto em mente, por exemplo, um gatinho meu fugiu, o Simba, ele é laranja, se vocês virem ele por aí... é um gatinho laranja, ele se perdeu no dia 11 de janeiro, aí nisso eu quero desenvolver tanto o aplicativo quanto uma coleira inteligente, como se fosse um Apple Watch, e essa coleira ela tem GPS e é interligada com um aplicativo que você consegue ver, e nesse aplicativo também... eu pensando assim, desenvolver uma carteirinha de vacinação, algum grupo de divulgação de animais perdidos, alguma coisa voltada mais essa área, então eu vou começar a desenvolver agora e até o final do curso eu termino.

Entrevistadora 1: E isso é por você, não é nada relacionado com alguma disciplina?

Dorothy: É, esse projeto... a gente tem que desenvolver um projeto, que a gente começa agora a desenvolver artigo, no próximo período a gente já tem que fazer um tipo de escopo do

que vai ser o projeto, e no terceiro a gente vai ver se ela vira startup ou não. E aí ao invés da gente fazer estágio, a gente pode fazer o projeto. E o TCC também pode ser um projeto, então T1, T2, T3 e o estágio, eles todos podem ser o TCC, então a gente pode começar a desenvolver agora. Então eu quero desenvolver alguma coisa nessa área de animais perdidos, na questão de coleira inteligente, essas coisas... Eu penso assim numa coleira tipo bem universal mesmo, que que eu vejo que tem, a da Apple, só que é muito grande, fica uma coisa muito grande nos bichinhos, então o que eu quero fazer é tipo, uma coleira bem pequena, tudo bem cuidado e o principal vai ser mesmo um aplicativo para você poder localizar o seu pet, ter a carteirinha de vacinação, do mesmo jeito que a gente tem carteira de trabalho online e a carteira de trânsito. Então eu quero fazer alguma coisa mais para esse lado, para automatizar a mesmo essa parte do pet.

Entrevistadora 2: Futuro profissional?

Dorothy: No futuro profissional eu pretendo trabalhar numa empresa de embarcados, que é a parte de desenvolvimento de circuitos impressos, tipo placas... a parte que eu realmente gosto. E se algum dia eu realmente conseguir, abrir uma empresa de sistemas de embarcado e aí seria tipo, top do top da carreira profissional. Então eu pretendo realmente seguir na área quando eu me formar... e continuar desenvolvendo projetos.

Entrevistadora 2: Você se considera satisfeita com o curso?

Dorothy: Ah, eu me considero satisfeita, é um curso que eu gosto, mas acho que eu estaria mais feliz na engenharia do que na computação, porque é a grade que eu realmente gosto, era tudo o que eu realmente queria aprender. Mas eu tô feliz, o curso realmente fornece o que ele propõe que é a ciência da computação, a gente fica focado na parte da ciência, mas eu ainda gostaria de aprender um pouquinho mais por fora. Eu até faço uns cursinhos, quando dá tempo, por fora, de automação, essas coisas... por isso que eu pretendo fazer a engenharia elétrica depois, pra realmente complementar as matérias que eu gosto e ir pra área que eu gosto. Mas no geral eu estou bem satisfeita com o curso.

Entrevistadora 2: Fazendo uma perspectiva do início do curso até agora, você considera que houve mudanças em você?

Dorothy: Ah, eu acredito que sim. Eu achei que eu sabia muito sobre o curso, mas não sabia nem a metade. Mas eu acho que eu estou muito mais segura de mim, eu fico feliz de encarar um curso que muita gente diz que é de homem, só pra tipo “não, to indo contra o sistema” pra dizer assim... mas eu acho que eu estou bem satisfeita, acho que a Stela de uns anos atrás iria estar feliz.

APÊNDICE D | Transcrição da Entrevista nº 2

Entrevistadora 1: Samantha Almeida Andaku Vieira

Entrevistadora 2: Ana Clara Azevedo Candido

Local: PUC - Minas Gerais, Campus Poços de Caldas

Entrevistadora 1: Então iniciando, me diz qual a sua idade?

Ada: 23 anos.

Entrevistadora 1: E você está em qual período?

Ada: Estou no quinto.

Entrevistadora 1: Ah sim... e quais foram os motivos que te levaram a escolher o curso de Ciência da Computação?

Ada: Na verdade, pela minha trajetória de vida eu precisava de um curso que me desse uma garantia de uma estabilidade financeira, esse foi o principal motivo. Seria mais para realmente assim... ter uma estabilidade. E daí dei uma olhada no mercado de trabalho, as perspectivas futuras em todas as áreas, e eu vi que a área de tecnologia era a melhor escolha que eu poderia fazer naquele momento.

Entrevistadora 1: E algum dos seus familiares ou pessoas próximas, amigos etc. Segue a profissão na área?

Ada: Sim, eu tenho 3 primos que todos fizeram ciência da computação, Ah.

Entrevistadora 1: Ah tá... e todos trabalham?

Ada: Sim, um trabalha há 25 anos, o outro... a gente está em 2024... ele se formou em 2004 e tem um que se formou recentemente, faz 2 anos.

Entrevistadora 1: Você diria que você recebeu apoio da sua família?

Ada: Sim, todo mundo apoiou. Porque era uma área que me daria essa segurança e todo mundo viu que eu precisava de segurança.

Entrevistadora 2: E como foi sua escola? Pra essa área de exatas e tecnologia... todo esse processo?

Ada: Na escola?

Entrevistadora 2: É, na escola.

Ada: Bom, eu não tive nada... eu estudei o ensino público desde a quarta série. Eu fiz supletivo. Não pude terminar assim, normal... não pude porque meus pais ficaram doentes e aí eu saí da escola pra cuidar deles. A área de exatas, assim... como vou explicar? Não é o meu

forte, mas a gente corre atrás. Mas não é uma coisa assim... que se fosse pra escolher por amor eu não teria escolhido, computação foi mais por necessidade mesmo.

Entrevistadora 1: Mas na escola você recebeu algum incentivo?

Ada: Nenhum, não teve...

Entrevistadora 1: Em relação às disciplinas de matemática ou de exatas?

Ada: Na verdade minha mãe sempre ela gostava muito de matemática então ela me ensinar e também me punha em alguns professores. Matemática... física não, foi matemática até o fim da escola, que foi no segundo ano.

Entrevistadora 1: E você teve contato, na sua adolescência ou infância, com a tecnologia mesmo, assim, computador...

Ada: Sim, isso sim, sempre teve. Na verdade, meus pais eram mais velhos então eles não tinham. Aí eu tive que aprender tudo sozinha, eu sempre fui muito naquele negócio de fuçar e aprender...

Entrevistadora 1: Mas você tinha computador? Jogos você tinha?

Ada: Sim, jogava bastante. Era uma coisa que eu gostava.

Entrevistadora 1: Então você já tinha alguma familiaridade com tecnologia?

Ada: Sim, já tinha.

Entrevistadora 2: Gostava ou ainda gosta de jogo?

Ada: Ai gostava... hoje em dia eu não gosto não. Prefiro uma série.

Entrevistadora 1: Mais alguma coisa que você gostaria de falar da sua trajetória escolar?

Entrevistadora 2: ou de antes da faculdade...

Entrevistadora 1: É, que tenha influência na sua escolha pelo curso.

Ada: Que influenciou a minha escolha por tecnologia acho que não teve, a minha trajetória foi bem normal, até o primeiro ano não teve nada assim, extraordinário não. Eu sempre fui aquela aluna mediana, eu nunca... sempre notas médias. E matemática sempre teve assim... eu não era boa, dependendo da 'serie, tinha série que eu era melhor, mas não era uma coisa que eu tinha muita dificuldade, isso não. Não era que nem gente que não suporta...

Entrevistadora 1: O curso tem muita matemática né? Principalmente no início?

Ada: É...

Entrevistadora 1: E como é que você via isso?

Ada: Bom, o primeiro período foi online, que eu fiz... aí depois eu parei um pouco, vi só um pouquinho de matéria, mas em algumas eu peguei depois, dependendo da matemática. Cálculo não, porque eu peguei online e daí foi mais tranquilo sabe..., mas tem muita

matemática. Tenho dificuldade, mas... é que depende muito do professor, eu tenho dificuldade dependendo do professor. Se tem uma didática que enrola muito, pra mim não rola... agora, tem professor que sei lá, é mais direto sabe? E aí que torna uma coisa difícil mais fácil. A gente tem alguns professores assim.

Entrevistadora 1: Bom vamos falar então da sua trajetória universitária que você já começou.

Entrevistadora 2: Quando você começou o curso lá, no primeiro período durante a pandemia, você lembra das primeiras impressões que você teve?

Ada: Ah, foram positivas. O coordenador do curso ele dá... não sei se isso tem em todo curso, mas tipo mentoring? E ele foi bem acolhedor. Os professores eram bons, porque no primeiro período eu acho que todos os professores não são aqueles professores contratados, são aqueles professores que estão a mais tempo. E foi muito bom, foi uma experiência boa. Mas só que assim... se fosse hoje, pra escolher... eu teria esperado seis meses e teria começado no presencial. Porque online perde um pouco, a gente não tem tanto ânimo de vir pra faculdade e tal...

Entrevistadora 2: E quando você voltou, quais foram as suas primeiras impressões?

Ada: Eu tive muita dificuldade porque, o que acontece... antes de começar a pandemia eu já vivia meio que isolada, porque eu tinha que cuidar dos meus pais e tudo. Daí quando voltou, pra mim assim... eu tive poucos amigos. Eu tentava, mas eu não conseguia. Eu acho que muito também... isso pra mim é um dos maiores motivos, é que os assuntos não batem. O que batia era mais com as meninas, e foi aí que eu me aproximei... e com alguns meninos que não falam tanto de jogo, tudo... ai, eu... é que eu não jogo, então me sinto totalmente deslocada nessa parte. Mas tem alguns meninos que também não ligam, ou que tem outros assuntos também...

Entrevistadora 1: A sua turma era... como era a divisão entre homens e mulheres na sua turma?

Ada: As meninas ficam mais juntas, então... é que eu tive experiência em duas turmas, porque teve período que eu fiz menos matérias e aí eu acabei indo para outra turma. Uma turma é menor e a outra maior. Da turma menor as meninas são inseparáveis, sabe? Viramos amigas mesmo e tudo, e tinha uns meninos que eram mais deslocados... que a gente acaba fazendo amizade, porque as meninas acho que é mais acolhedora né? Eu sinto isso. Só que era uma divisão muito assim: era um grupo de meninos e a gente.

Entrevistadora 1: O grupo de meninos era muito maior?

Ada: Não, é que tinha o que umas oito pessoas, mas daí começou a aumentar um pouco porque o pessoal deixou de fazer algumas matérias na pandemia e acabou entrando na sala, sabe? Aí na sala maior, as meninas também são mais juntas, assim, sempre... não tem uma menina que não tenha uma amiga mulher, nessa sala e na outra também não. São três comigo, na turma menor. Nessa maior acho que tem umas seis ou sete meninas.

Entrevistadora 1: E quantos homens?

Ada: Agora está com quarenta alunos...

Entrevistadora 2: Nossa, então é muito, oito pra 50.

Ada: É que uma saiu esse semestre, acho que tem seis, tinha sete agora tem seis... é uma turma bem dividida, assim... tem sua divisão.

Entrevistadora 1: Em relação aos garotos também?

Ada: Sim.

Entrevistadora 1: Tem uns grupinhos?

Ada: Tem, nessa sala eu converso com praticamente todas as meninas, não são todas... acho que converso com uma quatro bastante. Só que eu tenho mais amigos homens, porque eu entrei depois e já tinham as duplinhas então... aí que eu fiquei mais com o meu primo.

Entrevistadora 1: Ah tá, o seu primo está no curso?

Ada: Tá. Daí eu acabei virando mais amiga deles...

Entrevistadora 1: Do grupo que já andava com o seu primo?

Ada: É, porque faz trabalho... essas coisas e aí acabou que juntou com eles.

Entrevistadora 1: Como é a receptividade dos garotos pra fazer trabalho? O que você percebe?

Ada: Ah... tem que dar umas indiretas. Tem que ficar um pouco brava, sabe? Porque teve alguns trabalhos que eles não fizeram e aí eu tive que fazer sozinha tudo... e aí que pedia, ‘pode dividir e alguém fazer comigo?’, porque se era um trabalho em dupla, por exemplo, e juntava trio e eu fazia sozinha... aí eu briguei bastante sabe, nesse ponto. E tem que ser... eu sinto assim, com as meninas não tem que ser tão ríspida, mas com os meninos já tem. Eles não se ligam muito, acho que não agem na maldade... assim, meio que só não ligam.

Entrevistadora 1: Você acha que eles acabam deixando as coisas....

Ada: É que eu acho que eles não percebem, se falar que é proposital eu não acho, mas de não perceber. E também alguns, aí já não são os meus amigos, mas tem uns que eu já vejo que ficam mais sozinhos, ou é um grupo só de meninos que eu não vejo interagindo com nenhuma menina... eu já acho que ali é um pouco de dificuldade de fazer amizade com o sexo oposto. Nessa sala tem...

Entrevistadora 1: Mas os grupinhos entre os homens, eles se falam? Interagem? Ou tem grupo que é mais isolado...

Ada: É, tem grupo que é mais isolado.

Entrevistadora 1: Mesmo entre os homens mesmo? Os garotos dos outros grupos eles não interagem?

Ada: Não... eles interagem, mas também não é tanto. Mas com as meninas eu não vejo interagindo e agora, o que acontece... a nossa turma, acho que tinha umas 20 pessoas, 25... até o quarto período. Agora no quinto, veio um pessoal da manhã – porque a parte a manhã vai até o quarto período – e até agora eu não vi nenhuma menina. Só veio menino... também não sei se tem gente faltando, então não sei se vai vir alguma menina. Só que eles também, eles se isolaram num canto da sala e fica tipo... é muito engraçado, você vê um canto a parte da noite ou outro a parte da manhã. Os professores já sabem quem é da parte da manhã e da noite, porque separou mesmo. Mas já tô vendo alguns, os mais extrovertidos, que já estão tentando fazer amizade...

Entrevistadora 1: Mas por enquanto não veio nenhuma menina?

Ada: Não, eu não vi. E na chamada também não percebi ter alguma não.

Entrevistadora 1: Então assim, equilíbrio entre o número de mulheres e homens não há, nas turmas, no geral?

Ada: Não. Eu não sei, porque se algum dia vá igualar, porque já está entrando mais mulher.

Entrevistadora 2: Você acha que essa falta de equilíbrio ela prejudica a sua formação geral?

Ada: Eu acho que sim, porque eu tive... assim, é pra falar pessoal ou geral?

Entrevistadora 2: Pessoal, a sua percepção.

Ada: Eu acho que sim, porque eu sempre tive mais facilidade para fazer amizades com meninas. Me faz muita falta de uma sala assim com mais meninas, porque os assuntos batem. Porque tem uns assuntos que é de homens e que, pelo amor de Deus, que você fica assim, totalmente deslocada, fica até assim... incomodada com as coisas que eles falam. Tem assuntos mais pesados e tudo, aí incomoda. As vezes até incomoda alguns meninos. Os meninos que têm mais amizade com mulheres, eles ficam incomodados.

Entrevistadora 1: Por que os assuntos são ofensivos?

Ada: É, são mais ofensivos, eles expõem muito outras meninas então, alguns homens não gostam disso e geralmente são aqueles que têm mais facilidade para fazer amizade com as meninas, é o que eu percebo dos meus amigos.

Entrevistadora 1: Então durante a sua trajetória até agora na universidade, você passou por algum momento assim desse tipo? De ter sido ofendida? Ou aconteceu alguma coisa que te deixou ofendida?

Ada: Comigo acho que não. Acho que nunca aconteceu, não estou lembrado, mas assim escutando, de outras mulheres sim.

Entrevistadora 1: Tipo esses comentários que você falou?

Ada: É, tipo esses comentários. É, tipo assim, falando mal de outras mulheres, expondo outras mulheres, isso me incomoda... me incomoda e muito, porque é uma falta de respeito.

Entrevistadora 1: E isso acontece durante a aula?

Ada: É, tipo em momentos quando começa a aula, um pouquinho antes de começar ou depois... mas isso diminuiu muito porque, como agora já formou os grupos, geralmente as pessoas já pararam de falar 'bom dia', 'boa tarde'... aí as minhas amigas não comentam, era mais no começo ou quando eu ia no D.A....D.A. é um lugar que praticamente nenhuma menina frequenta. É muito pouco, você quase não vê, porque é uma coisa que no geral a gente comenta, que a gente não se sente confortável lá.

Entrevistadora 1: Eles não representam as meninas do curso então?

Ada: Não. Porque por exemplo, é uma coisa boba só que para a gente, a gente não é ... a gente conseguiu um short até hoje, um short da computação. Era uma coisa que a gente reclamava muito, muito, muito... e aí a gente conseguiu colocar duas meninas na chave e agora que vai ter um body, vai ter mais opção de short... um short, porque as meninas gostam disso. Eles acham que a gente não gosta, mas a gente gosta porque a gente vê as outras meninas dos outros cursos tendo e a gente não pode ter... então essa mudança de colocar duas meninas que batem de frente, porque batem de frente mesmo, fez a diferença. Fez muita diferença.

Entrevistadora 2: Você já residia aqui em Poços?

Ada: Já.

Entrevistadora 2: Então não teve muita essa dificuldade de mudança de cidade, de casa e de amigas?

Ada: Na verdade eu tive, tive que morar com uma prima... mudei de apartamento e não de cidade.

Entrevistadora 2: Você mudou pra ficar mais perto da PUC?

Ada: Não, não... porque quando a minha mãe faleceu eu tive que colocar o apartamento pra alugar pra ter mais renda e poder arcar com os custos da faculdade.

Entrevistadora 2: A gente sente muito pelo falecimento da sua mãe.

Entrevistadora 1: Em relação á faculdade. Você tem alguma outra observação ou outra vivência?

Ada: Em relação a faculdade?

Entrevistadora 1: Sim, sobre a sua trajetória no geral, sua experiencia aqui... por exemplo, em relação aos professores, o que você percebe? A maioria dos professores são homens né?

Ada: Sim, só tem tipo uma mulher, que eu nunca tive aula com ela.

Entrevistadora 1: Mas dos seus professores como você sente a postura deles nas aulas, eles incluem as meninas, incentivam?

Ada: Sim, mas tem algumas piadinhas complicadas, assim... não é diretamente, mas a gente pega e a gente até comenta. E... mas assim, no geral a maioria é tranquila. Não tenho muito do que reclamar não, na verdade eles tentam até incluir... mas por exemplo uma dinâmica que eu acharia muito legal mas que eles não fazem é por exemplo, escolher o grupo da pessoa, porque tem gente que acaba...

Entrevistadora 2: Sim, eu sou super a favor do professor escolher o grupo das pessoas, porque a gente não vai escolher com que vai trabalhar.

Ada: Sim, e eu acho assim que no primeiro período, pelo que eu conversei com as meninas, isso seria muito bom para a gente por exemplo, conhecer outros meninos realmente, porque geralmente é uma dupla de meninas ou um trio, aí tem um grupo de meninos que ‘adotam’ as meninas e a gente vai com eles até o final, e a gente não tem tanto contato com os outros.

Entrevistadora 1: E nas pesquisas que a gente tem encontrado em relação ao mercado da ciência da computação, eles priorizam equipes mistas, então para o garoto que não sai do seu grupo, ou que se manteve isolado nunca se misturou, nunca interagiu com as mulheres, quando chega no mercado de trabalho encontra dificuldade.

Ada: E tem muitos meninos, na minha sala tem uns quatro que são totalmente isolados até com os outros meninos, então essas pessoas assim, vão ter dificuldade... talvez se os professores montassem o grupo ia rolar mais interação, porque às vezes a pessoa só tem dificuldade de começar uma conversa... é uma pessoa incrível, uma pessoa assim... só tem dificuldade de começar a falar... na hora que ela começa e vê que é bem recebida, ela tira esse medo.

Entrevistadora 1: E acho que tem de rolar também uma conscientização masculina que tem que começar a incluir as mulheres, sim, porque esse mercado é assim.

Ada: E esse negócio de ser equipe mista, nas maiores empresas de tecnologia é assim porque a gente até fez uma entrevista com uma menina, pro jornalzinho aqui da computação que a gente ia fazer, e ela falava assim que na empresa ela está trabalhando, não lembro o nome da empresa, mas é uma empresa de Campinas e tem mais de 100 empresas espalhadas pelo mundo, tem muita mulher. Daí você vem para uma sala de computação, uma sala assim na universidade computação e vê o pouco de mulher que tem, e aí vai numa empresa em que metade é mulher, você fala assim ‘isso tá diferente’, um choque.

Entrevistadora 1: Então em relação aos professores, tem uns comentários, não é nada direto e eles acabam incentivando...

Ada: É assim, eu acho que eles veem a diferença, assim... eles entram numa sala e vê a maioria de homem, com poucas meninas e juntas, eles veem que tem alguma coisa.

Entrevistadora 2: Sobre as suas perspectivas futuras? Você faz ou fez estágio?

Ada: É, aí isso não sei se vai poder entrar, mas eu meio que trabalho, mas não é nada com carteira assinada, porque é com a minha família.

Entrevistadora 1: Mas com tecnologia?

Ada: Eu uso mas não muito, é tipo assim, site essas coisas. Mas emprego, emprego eu nunca tive na área.

Entrevistadora 2: E você está gostando?

Ada: Na verdade eu não quero trabalhar muito desenvolvimento web, mas a gente está vendo que web é a porta de entrada. Aí eu estou aprendendo, por isso que eu estou fazendo com a minha família, pra pegar e pôr no portfólio pra conseguir depois o primeiro emprego, porque eu queria mesmo ir para dados, que é a área que eu gosto. Mas as vezes só pra entrar na área, e depois migra para outra, porque está difícil entrar na área de TI.

Entrevistadora 2: Por que eles exigem muito?

Ada: Sim e tipo assim, tem muita gente meio que... não sei se vocês já viram um vídeo falando assim, acho que foi um cara do investimento, um loirinho, ele fala assim, ‘ah, você estuda seis meses e sai ganhando quatro ou cinco mil’, quem tá na área sabe que não é assim, é um ou outro, mas é muito pouco. Minha amiga já trabalha há dois anos e está ganhando dois mil, e já com uma carga de dois anos. A gente vê muita vaga pleno e sênior, júnior não...

Entrevistadora 2: Então iniciar é difícil?

Ada: Sim.

Entrevistadora 1: Mas o que você vislumbra para o futuro...

Ada: Ah, muito bom. Eu tenho bastante perspectiva de futuro na área, mas eu sei que a entrada nela não é fácil. Mas quando você já está na área, até um outro professor estava

comentando, tem gente que sai da faculdade e fica nem quatro, cinco meses numa empresa e já recebe outra proposta. Tem empresa, que por exemplo, contratou um profissional de TI, aí ele recebeu outra proposta, eles cobrem a proposta pra não perder o funcionário. Porque pra eles é difícil achar pleno e sênior. Gente com experiência é muito difícil porque é aí que está a falta de profissional, no pleno e no sênior, não no júnior.

Entrevistadora 1: Então você se identifica como sendo uma profissional na área?

Ada: Ainda não..., mas no futuro sim.

Entrevistadora 2: A última então, fazendo mentalmente uma retrospectiva desde o momento que você escolheu o curso até o momento atual, você considera que houve mudanças em você como pessoa, como mulher, como estudante e como foram essas mudanças positivas ou negativas?

Ada: Eu errei muito no começo do curso, aí de tanto acontecer isso, você acaba amadurecendo... eu senti essa mudança, foi de errar tanto que eu acabei... foi a principal mudança que eu percebi. Aí eu falei ‘ah não, vou começar a me jogar nas coisas’, aprender... ‘precisa de tal coisa?’, eu vou e aprendo. Foi a principal, de correr atrás das coisas. Porque a tecnologia, ela exige muito, muito, e você tem que correr atrás, muitas coisas você aprende sozinho, não aprende na faculdade. Acho que foi um amadurecimento, porque eu acho que eu errei...

Entrevistadora 1: Mas errar como? O que você quer dizer?

Ada: Errar em relação aos estudos, foi o principal porquê... se você não aprende uma linguagem chamada C, no começo do curso, ferra o curso todo, porque vai aparecendo no curso todo, no quinto, no sexto, ao oitavo... e a maioria não gosta de C, porque é uma linguagem chata... então foi mais isso, não ter dado valor a uma coisa que era necessária. E eu fiquei mais brava também... porque antes eu era totalmente assim ‘deixa os outros fazer o que quer’, assim... só que eu vi que não dá, você tem que ser dura com eles, tem que ser muito dura, às vezes subir o tom de voz um pouco.

Entrevistadora 1: Com os colegas?

Ada: Tem. Tem que ser um pouco brava, e também uma coisa que eu sinto é que tem que ser muito direta. Você quer falar, você fala. Porque você achar que eles vão perceber, não vão. Você tem que falar, tem que ter uma comunicação. Isso foi outra coisa que mudou em mim também, a comunicação com eles. Porque eles estão aqui e eles vão estar no mercado de trabalho, então eu vou conviver com pessoas parecidas com eles, então eu tenho que achar um jeito assim... de ser bom pra todos. Acho que foi isso assim, as principais mudanças.

Entrevistadora 1: Você tem algo mais para acrescentar?

Ada: Não... acho que falou tudo.

Entrevistadora 2: Confesso que é muito difícil te imaginar brava, pelo seu tom de voz, é extremamente tranquila...

Ada: Eu fico brava... não tem como. É aquele negócio, tem que separar amizade do negócio como se fosse um trabalho. Porque não é fácil não, conviver com muito homem.

Entrevistadora 2: Nossa, conviver com meninos... você fica... aí, será que vai valer a pena?

Ada: Eu só fico pensando no meu salário, nas viagens que eu quero fazer (risos).

APÊNDICE E | Transcrição da Entrevista nº 3

Entrevistadora 1: Samantha Almeida Andaku Vieira

Entrevistadora 2: Ana Clara Azevedo Candido

Local: PUC - Minas Gerais, Campus Poços de Caldas

Entrevistadora 2: É então Hedy, qual sua idade?

Hedy: Eu tenho 29 anos pertinho dos 30

Entrevistadora 2: Você está em qual período da faculdade de ciência da computação?

Hedy: Eu iniciei o quarto período agora.

Entrevistadora 2: Quais motivos te levaram para escolher o curso?

Hedy: Foi muito a eu acho que eu tenho uma trajetória um pouco incomum a do que a gente veria, sei lá, nos iniciantes em relação a ciência da computação como sendo a primeira graduação, porque a minha a minha segunda graduação né, e é muito pela influência de como eu via o meu marido ser bem tratado no dia a dia da empresa que ele trabalhava. eu via que ele era respeitado No seu setor assim, do tipo questões realmente básicas de direito trabalhista entendeu, porque eu já tinha tido uma experiência é negativa em relação a publicidade, em que a era muito comum ter questão de acúmulo de cargo, sofrer a questão de abusos de poder em alguns cargos e todas as questões é eu dentro dessa trajetória vi ele sendo tratado com muita dignidade é isso que me interessou na área da computação e também não ter é a relação de trabalho direto com outro ser humano no sentido assim de lidar diretamente com o cliente, você ter esse intermédio do computador você ter esse intermédio da tecnologia para mediar sua relação com as pessoas também me interessou muito.

Entrevistadora 1: Sua primeira formação foi em publicidade?

Hedy: Sim, foi em publicidade e propaganda.

Entrevistadora 1: Você chegou a trabalhar na área?

Hedy: Cheguei a trabalhar por 2 anos iniciei como redatora júnior em 2017 fui até redatora premium em 2021, é então eu tive uma trajetória até, mas eu acredito que eu tive muitas intempéries ali por onde eu passei. E foi daí que é eu resolvi realmente fazer essa migração de carreira. Ao primeiro olhar pode parecer é um pouco distante a publicidade e ciência da computação, mas voltando um pouco lá trás no meu colégio eu tive a oportunidade de iniciar o técnico em informática, só que sabe digamos que a coisa certa no momento errado eu não estava pronta para ser técnico, foi um período muito conturbado da minha adolescência em que eu tinha outras questões então eu não concluo esse técnico. E do pouco que eu fiz também eu não

absorvi muita coisa, mas a área de tecnologia era uma possibilidade para mim desde então é, e eu acho que o que me trouxe essa Encruzilhada entre na primeira graduação de ciência da computação ou publicidade é o que acaba, é distanciando muitas pessoas que é vai ter cálculo? vai ser exatas? Tem algumas coisas assim? então eu realmente não me achava preparada para enfrentar algo como cálculo ou algo de exatas assim, porque eu já não representava um bom desempenho nessas matérias uma questão pessoal mesmo de não gostar dessas matérias, aí eu fui um caminho pro para publicidade também, por ter essa é sua grade curricular e ver que não teria tantas coisas ligadas às exatas.

Entrevistadora 1: Então durante a sua vida escolar o incentivo que você teve de influência foi esse curso técnico, que te fez pensar nas ciências da computação?

Hedy: Eu não o técnico em si, eu acho que isso é uma digamos que é uma semente do que veio a ser depois eu gostava de tecnologia eu ganhei meu primeiro computador aos 12 anos, o que foi quando aquele eu tinha 12 anos então 2006 em que as máquinas começaram a se popularizar mais que a gente conseguiu ter um pouco mais de acesso aí eu consegui ter esse computador e é eu tinha tido né, como todo filho dos anos 90 teve que ter suas aulinhas de informática.

Entrevistadora 1: Eu tive aí!

Hedy: Eu tive esse processo das aulas de informática e eu é era encantada em relação ao computador, tanto que a percepção que eu tinha era que eu queria trabalhar eu no computador e pessoas e eu IA trabalhar e eu IA ter um computador. E publicidade entra nisso só que computação também entra nesse entendeu, então esses ideia ainda eu vejo que eu não mudei em si, só o que eu mudei para entrar em ciência da computação foi a minha percepção sobre estudar exatas sobre estudar cálculo sobre estudar algo nesse sentido, é quando eu me dei conta que eu poderia me propor aprender aquilo e caso eu não me dedicasse eu não gostasse eu tinha um apoio pra não ir em frente com aquilo também eu tinha poderia fazer outra coisa, eu me dei essa chance de fazer ciência da computação como eu tive privilégio né óbvio! Como uma experiência mesmo me dedicar a ponto de saber se isso era para mim, mas não acho que o maior causador do afastamento para mim foi questão de lidar com exatas.

Entrevistadora 1: Quando você falou assim que sempre teve apoio, se você não teve apoio para continuar? não para essa escolha você ter sido familiar para fazer essa transição de carreira?

Hedy: Eu tive apoio familiar, tive o privilégio né! Acima de qualquer coisa. Mas fala muito do tipo ah eu entrei na ciência da computação como a cabeça de que, se eu não gostar eu

saio! Se eu não gostar eu vou fazer outra coisa, entendeu? são esse apoio de caso eu saísse também, caso eu abandonasse por questão das matérias e afins.

Entrevistadora 1: Então assim, pessoas próximas na área, seu marido?

Hedy: Tenho muitos amigos e trabalhando com publicidade eu me relacionei com áreas de tecnologia eu acabei me relacionando com área de tecnologia então quando eu trabalhava na publicidade havia um setor relacionado à tecnologia em todas as agências que eu trabalhei e é me atrai também a relação de que a computação acaba sendo em alguns setores né, menos discutível do que com que eu trabalhava, trabalhar na redação publicitária, então trabalhar com a escrita que é algo que qualquer pessoa alfabetizada ela se propõe a escrever algo né é trabalhar por isso que eles é muito difícil que a gente acaba lidando com a questão várias pessoas se acharem profissionais na naquilo né interferir no processo de criação e eu vejo que há né claro que há, mas ele interferência em relação à programação é menor a partir do momento que muitas pessoas não entendem como funciona a programas a interferência acaba sendo melhor.

Entrevistadora 2: É trazendo o segundo bloco né a sua trajetória universitária, você consegue se lembrar das primeiras impressões que teve do curso e a sua relação com a faculdade, talvez professores colegas?

Hedy: Eu acho que fazendo o comparativo com a publicidade em que eu vim de um lucro em que 80% da sala era mulheres e 20% eram homens acho que esse é o primeiro impacto, mas eu acho que é um impacto que eu já esperava, eu acho que muitas mulheres que entram na da computação ela já esperam encontrar poucas mulheres na computação e na minha sala temos 3 mulheres e as 3 mulheres na sua segunda graduação é uma coincidência é bem legal da nossa sala e é um número relevante né até 3 mulheres para uma sala, devido à proporção que a gente vê. Alunos no total se eu não me engano a gente já tem 22 ou 24 vendo a proporção de outra sala a esse número eu acho pequeno obviamente né existe muito trabalho a ser feito em questão de aproximar as mulheres da computação, mas o número é relevante, porque é quantas turmas a gente a teve com uma mulher ou nenhuma mulher, então acho que qualquer aumento ele é um aumento bem-vindo deve ser prestigiado.

Entrevistadora 2: Em relação aos professores que você achou deles?

Hedy: Como eu já tinha maturidade de uma outra graduação e ter essa maturidade de ter passado por trabalhos, certos trabalhos, é eu sou meio polida em algumas relações assim eu entendo essa relação de é proximidade pra ter com o colegiado só que com essa aura e hierárquica né de relação entre professor aluno, coordenador aluno, que eu acho que do tipo assim, eu conquistei com o tempo porque não é a mesma relação que eu tinha com os meus professores na publicidade, por exemplo, a aí isso tem é somente uma professora mulher tenho

contato até hoje que a professora Luciana que ela pelo menos ao meu ver perguntaram pra outras pessoas relacionadas acho que vocês podem ter perspectivas diferentes, ela é apoia a gente sem esta fala de estigmatizar a mulher na computação, ela é do tipo assim se impõe, ela acolhe, mas sente estigmatizar, tipo assim vamos nós mulheres não! Mas assim, vocês estão aqui vamos fazer diferença, ela traz essas discussões só que eu vejo que as pessoas às vezes sentem né que ela claro é teria que trazer mais iniciativa em voz por ser a única mulher da computação do que tratar ela como realmente uma professora que tá ali que tá nesse número reduzido, mas tá fazendo o papel dela ali de instruir, de acolher, de conversar então é mais essa relação.

Entrevistadora 1: E a percepção em relação aos seus colegas?

Hedy: Então eu tenho um traço digamos eu traço psicológico de ter eu sou uma pessoa que normalmente tem um melhor amigo é esse e traço de personalidade e eu tenho o Otávio que a gente desde o do primeiro período a gente se identificou muito ele é extremamente, é ele devia ter ido com a publicidade para todo o talento que ele tem e escolheu a computação até por uma questão monetária mas o Otávio é extremamente criativo, ele é extremamente divertido ele é uma pessoa extremamente autêntica e ele faz meus dias serem mais leves na computação assim, a gente surta junto e tal em questão com as meninas digamos eu to tentando promover uma revista para o PUC aberta para falar diretamente com meninas que tem interesse na Ciência da computação ou o mínimo interesse na computação. Estava com esse projeto com outras meninas, mas sabe que quando você está em um dia errado aí acabamos nos desentendendo e a gente se afastou. Agora estou de forma autônoma, mas é isso.

Entrevistadora 1: Você acha que assim desde o primeiro dia das ciências da computação agora que está no quarto as suas impressões mudaram? Como é que você está em relação assim à faculdade, assim as turmas?

Hedy: É eu vou falar de forma bem representativa que eu passei TCLF é uma matéria que eu ouço falar desde antes de eu começar a fazer computação porque eram meu marido e amigos e afins nossa é uma matéria difícil, então eu tinha essa aura de TCLF semestre passado e passei, não passei com glórias e aleluias não passeia, mas aquilo ali precisamos 17 tirei 20 tudo que eu queria bateu 63 tá OK, que qual que é o desafio é você se integrar o raciocínio lógico ainda mais relacionando linguagens formais que é como que eu posso explicar linguagens formais pra vocês, é tipo assim como as aprendem que é aquela palavra uma palavra válida, digamos assim, colocar o código para ter uma função relacionado a isso, é muito raciocínio lógico é acaba sendo bem complexa a gente acaba vendo máquinas em autônomo ou autômato de pilha, várias coisas assim bem rebuscadas da teoria da computação e me passar né

nessa matéria eu acho que é uma gostosa afirmação sobre do tipo assim olha, eu consigo prestar atenção nas aulas fazendo esse acordo e fazer um só revisão as coisas eu consigo superar eu consigo superar exatas, em suas partes mais difíceis do curso, porque é um curso difícil é eu acho que tipo assim ninguém vai chegar aqui e falar o contrário, duvido muito que alguém chegue aqui falei ao contrário é um curso difícil para qualquer pessoa que vai fazer e no caso é só pra tipo uma coisa que sempre motivou isso é que me deixou muito aliviadas em questão de apoio é que o meu marido sempre foi é muito claro comigo do tipo assim ‘eu peguei DP em dezembro’ é comum pegar DP, porque eu acho que é do tipo às vezes a gente fica nessa cobrança, por exemplo eu nunca peguei nenhuma reavaliação fazendo publicidade e ser comum, mas do tipo assim você pegar DP não é o fim do mundo, não vai ser definidor da sua carreira, da sua carreira acadêmica se esforce para não, mas também não é o Fim do mundo, e eu é gosto de falar sobre isso porque ele tipo assim vê o quanto ele é um bom profissional mesmo tendo e fazendo a graduação num tempo estendido do que é o esperado da conclusão traz uma satisfação e traz uma leveza que eu acho que é que às vezes as outras pessoas exigem muito de si né, tem questão de auto cobrança muito alta em relação ao curso.

Entrevistadora 1: Consegue perceber isso em alguns alunos?

Hedy: Em alguns sim. Alguns eu acho que eles realmente como são mais integrados a tecnologia eles acabam tendo mais facilidade que que qualquer coisa a gente vai ter o pessoal que se destaca, porque tem o conhecimento prévio teve um apoio, uma base uma outra estrutura isso é extremamente comum, mas eu vejo que a média se assusta, mas gosta, por exemplo vai difícil, mas vamos não sei.

Entrevistadora 2: A próxima pergunta era, se você considerar que é o equilíbrio entre algumas mulheres? não né já respondeu e mais no seu curso de forma geral então esse desequilíbrio mesmo, não é assim? Você acha que aumentou agora assim os períodos que estão entrando agora se esse número aumentou de mulheres ou não?

Hedy: É que ainda não começou não começaram as aulas calouros né pra que entender um pouco dessa movimentação, mas eu vejo que comparado à quando eu fazia publicidade e olhava para comparação realmente volume de mulheres aumentou só que mesmo já tendo aumentando o volume o volume é muito baixo então a gente realmente é precisa de ter iniciativa, iniciativa de quem um pouco da universidade um pouco das próprias mulheres da área tecnológica para gente conseguir falar olha venham para cá é seguro pra gente tá tudo tranquilo vocês podem ter a oportunidade de se desenvolver e de se superarem enquanto profissionais e eu acho que acho que é isso.

Entrevistadora 2: No bloco 2 ela meio que respondeu tudo na conversa. E no último bloco que é identidade suas perspectivas futuras você já faz estágio na área?

Hedy: Eu fui projetou Alcance com will né que vocês tiveram participação comigo também eu adiei o nosso encontro, porque eu estava mandando currículo para uma vaga para bolsa FIPE que eu já tive o prazer de ser na minha outra graduação e se eu consegui de novo, porque é um processo muito muito legal eu tenho me atraído é pela academia a ideia de continuar na academia muito desenvolver um processo de pesquisa em relação ao mestrado em relação à algo dentro dessa estrutura e eu acho que do tipo nesse quesito eu falando exatamente da PUC Poços do que eu vivi aqui, eles são muito acolhedores e eles têm que vão mandar o máximo de vagas de oportunidade abrir coisas, de abrir recomendações e coisas nesse sentido são muito muito muito legais nessa parte

Entrevistadora 2: Então se você pensa no seu futuro você pensa talvez com uma professora?

Hedy: Com uma professora porque foi um algo que eu consegui com projeto Alcance que é essa ideia de estar perto dos jovens de estar perto desse pessoal que está começando agora, é uma ideia muito interessante, acho que faz mais sentido com o meu propósito pessoal de vida a relação de educar do que realmente servir a um viés capitalista.

Entrevistadora 2: Que legal nossa muito bom e você estava continuando projetos alcance?

Hedy: Não abriram novas vagas, mas eu realmente acho que vou me separar esse ano letivo para me dedicar a algum projeto acadêmico de pesquisa.

Entrevistadora 1: Como foi essa experiência no projeto de extensão?

Hedy: O projeto de extensão foi muito legal, porque é aquele só que de lidar com uma geração abaixo da sua né, você vai lá ver aquelas crianças assim, quando vocês nasceram nem eu era criança mais velha. Mas eu colhi ótimos frutos é do tipo assim eu me surpreendi muito com o desempenho dos alunos, principalmente com o desempenho dos alunos que estavam vendo a minha aula remota né que tinha essa modalidade do remoto né, presencial e remoto que aí eu acho que quando você faz remoto você não consegue né passar ali naquela do computador desses progredindo tal e essas entregas que eles tiveram foram completamente surpreendentes e eu acho que isso que é o que vale mais sabe ela é a prova final de que aquele processo deu certo aquele projeto colheu bons frutos.

Entrevistadora 2: Você antes do projeto do alcance já tinha a talvez o vislumbre de ser professora?

Hedy: Eu acho que é a digamos que há 2 anos atrás eu acharia muito trabalhoso, porque tem gente que preferiria ser torturado do que fazer o mestrado de novo. O processo de pesquisa ele precisa como que eu posso dizer você, precisa de uma constância precisa ter uma constância porque ele tipo assim é um trabalho extenso é um trabalho pesado é um trabalho que você tem que dividir em micro tarefas e é muito pesado só que hoje eu me sinto mais preparada para lidar com esse peso depois que eu formar entendeu? Eu tenho muita matéria difícil para passar antes de pensar mesmo sabe, mas eu acho que é agora eu já me apoio mais na ideia de que se eu passei por TCLE talvez tenha uma esperança

Entrevistadora 2: Aí que legal um negócio muito honrado né ser professor.

Entrevistadora 1: É o na última uma pergunta mais pessoal em relação é essa falta de representatividade feminina na área como é que era quando você, você comentou que você trabalhar você teve contato com uma com as equipes de tecnologia enquanto eu trabalhava com publicidade como é que era esse contato?

Hedy: eu acho que eu vou sentir muito mais esse impacto se eu for trabalhar CLT relacionado à tecnologia aí eu acho que esse é o maior impacto eu acho que na academia a gente sofre muito obviamente né, porque tipo assim não existe um lugar imune do machismo em lugar nenhum em que a gente esteja, mas eu acho que o impacto no mercado ele é muito maior, porque no mercado de trabalho quando eu trabalhava com comunicação eu via que existia muito do machismo velado, numa questão assim tipo ‘nossa querida você é tão boa, limpa a cozinha para mim’, aí eu a tarefa da menina nada a ver com isso entendeu? Então a vários tipos de sobrecarga no negócio é uma forma de limitar realmente as mulheres ali só que de uma forma muito agradável, eu acho que é eu não vivi experiências semelhantes a isso em relação a computação e eu não vivi por enquanto, alguma situação que chegasse a ser colocada para mim dessa forma claro que relatos são inúmeros de amigas de pessoas é ao redor a gente e eu tento agir com um pouco de maturidade; como eu não faria há 3 anos atrás que bateria de frente iria pra cima no máximo que eu que eu pudesse para me opor a isso, aí hoje eu vejo que é muito mais estratégico a gente contornar essas situações, sim contornar esse aí de situações mais difíceis para gente se proteger financeiramente, para gente proteger o nosso cargo para proteger outras situações, porque por mais que seja necessário que essas pessoas sejam punidas, que o assédio seja reduzido no ambiente e coisas assim a gente sabe que parte das denúncias só prejudicadas no processo de denúncia isso é inevitável, então existe uma falha nesse processo de denúncia que acaba mais prejudicando do que acolhendo as vítimas, então a hoje um dia eu não rebateria eu tentarei ignorar o máximo e talvez se eu tivesse alguma abertura de denúncia com alguém que fosse realmente de confiança eu falaria, porque eu também não me manteria calada a qualquer

custo é seria até a gente chegar paciência, mas e realmente por questão de alta defesa eu não bateria no peito como eu faria quando eu era mais jovem.

Entrevistadora 2: Interessantes sua estratégia né, porque a gente tem que proteger a gente mesmo, mas ao mesmo tempo pensar que isso está acontecendo e eu estou tendo que só enfim.

Hedy: Eu vejo que antes eu tinha uma visão polêmica do machismo, seria cancelada no twitter, do que existia mais coisas relacionadas a machismo, ‘a olha aquele cara gritou comigo ele é machista’ só que eu vejo em relação até o trabalho do meu marido que homens se sentem no direito de desrespeitar homens em que não façam a cargos em relação às coisas assim, então existe é muito mais transando todas essas é relações do que um preto no branco assim...

Entrevistadora 1: Como se fosse uma cultura mesmo, uma cultura que acontece entre os homens?

Hedy: Claro que o volume é muito maior né, mas não querendo fazer um uma falsa comparação, mas eu parei de levar coisas tanto para o pessoal a partir do momento que é do tipo assim a gente descobre que a gente é só mais um sofrendo aquilo.

Entrevistadora 1: Você tem a experiência do seu marido, né. Mas aqui na faculdade você acha que isso tipo que esse machismo acontece?

Hedy: Eu já ouvi boatos a gente sempre ouve boatos, ai tal situação foi machista com tal pessoa é tal pessoa é fez tal comentário só que eu não gosto de, por exemplo, me posicionar em algumas dessas relações porque você vê a pessoa em uma semana a pessoa A reclamando da pessoa B aí você vai lá e toma posição sobre aquilo em nota de semana você vê a pessoa A e B super tranquilo e você ainda que acaba um ficando de escanteio dentro dessa relação, então claro que se fosse algo, por exemplo, urgente algo que realmente é precisa-se de atenção que fosse uma situação de assédio, fosse uma se essa situação de abuso, fosse algo expressivo assim não tenho nem como não apoiar a gente pelo amor de Deus, mas essas questões de boato disse me disse a mãe fulano falou que fulano não falou coisas assim né, eu prefiro não posicionar, porque é realmente acaba tendo mais versões da história entendeu? Tanto que do tipo parece que houve alguma relação desagradável quando uma das meninas que foram eleitas a destaque que houve comentário, só que eu acho que há quase 30 anos a gente eu já estou vendo que as mulheres não são tratadas igual homem fato! Então às vezes a gente tem que bater no peito e vai passar não tem como ficar tipo toda hora a gente não é tratada igual, a gente não é tratada igual, a gente sabe dessa perspectivas né, porque talvez outras pessoas não tenham tanto clareza disso, mas eu penso é que mesmo quando a gente é diminuindo pelas nossas conquistas,

a universidade em si tá nos dando essas conquistas né a gente está tendo mulher como eu disse mulheres envolvidas nos projetos a gente está tendo esses empenhos de várias mulheres envolvidos no curso ao meu ver não tem alguma coisa que acrescentar.

APÊNDICE F | Transcrição do Grupo Focal

Entrevistadora 1: Samantha Almeida Andaku Vieira

Entrevistadora 2: Ana Clara Azevedo Candido

Local: PUC - Minas Gerais, Campus Poços de Caldas

Entrevistadora 1: Então, a ideia é a gente fazer tipo um brainstorm, para vocês ficarem à vontade para falarem o que quiserem, pra gente amarrar os temas trazidos nas entrevistas e fazer um fechamento. O intuito também era trazer o grupo das meninas de computação e tentar uma integração, para vocês se conhecerem, mas não rolou. Então, a gente falou nas entrevistas do processo de escolha do curso, a gente entende que muito tem relação com a projeção futura, financeira..., mas a gente percebe também que no curso não tanta representatividade feminina, na verdade, nos cursos da ciência da computação, pela nossa pesquisa prévia nas referências bibliográficas, não há uma representatividade feminina, sendo este um cenário mundial. Então, a respeito desse fato, qual a opinião de vocês em relação ao incentivo pela participação das mulheres nas áreas de exatas? No geral, vocês veem isso acontecer? Na história de vocês, isso aconteceu?

Ada: Particularmente na minha história não teve incentivo nenhum, como eu disse no dia da entrevista. Mas agora eu já acho que está melhorando um pouco, mas por atitude das próprias mulheres, das professoras também. A Juliana (nome fictício) faz muito projeto pras meninas, então eu vejo mais isso na parte feminina e alguns professores homens também fazem alguma coisa.

Hedy: Eu acho que a falta de incentivo em relação ao caminho de exatas, ele é escasso desde o fundamental, a gente não é acostumado a direcionar uma menina para a área de exatas a menos que ela mostre uma performance acima da média da sala, aí sim... se ela está acima da média da sala, dentro daquilo ela pode ser mais direcionada ou não... eu nunca fui direcionada em relação à exatas, nem por pessoas e nem por mim mesma, sempre fugi disso em si, mas eu acredito que realmente exista essa deficiência de associar o feminino ao exato, existe essa dificuldade geral, até mundial eu acho. Tem essa distinção entre gênero... quase uma distinção entre gêneros e habilidade em relação a essa área de exatas. Mas eu acredito que tipo, a gente já tem mais mulheres do que provavelmente a nossa professora Juliana tinha ao redor dela na época dela... muito mais mulheres, a gente tem no mínimo duas por sala, praticamente.

Ada: Agora está entrando mais.

Hedy: Agora está entrando mais, mas ainda assim... é tipo uma relação de uma puxa a outra mais ou menos, porque a partir do momento que alguém ao seu redor acende em um cargo, ou uma área que até então era desconhecido, você acende uma lâmpada de possibilidades sobre aquilo... já brilha os olhos das pessoas ao redor, e querendo ou não a universidade tem tentado promover ações para estimular os jovens a se inscreverem e participarem a cursos relacionados à ciência da computação e a tecnologia em si.

Ada: Eu acho muito o que a Hedy falou, principalmente na escola, é que eu acho que muitas vezes a mulher é direcionada ao cuidado, ao ensino sempre e nunca para as exatas, é sempre o menino que é direcionado. Principalmente também pelo interesse em jogos e tudo, você vê a maioria dos meninos jogam né? Aí a criança vai e ‘como é que faz um jogo?’, aí que entra nesse universo. E a menina quando ela joga as vezes ela sofre preconceito das próprias meninas, por ser uma atividade mais masculina. Tem essa questão também. E acho que as escolas... pra mim, tinha que ser básico programação porque a gente não sabe como vai ser o futuro, não sabe. Eles falam que vai ter emprego ainda, mas qual vai ser esse emprego? Em qual área?

Hedy: É uma relação que acaba sendo uma necessidade de alfabetização, eu acho que a gente teve um... acho que a Ada vai concordar comigo nesse ponto, houve, um rompimento na tecnologia do tipo assim, com a ascensão do celular, o celular ficou extremamente mais popular, mas o computador que é realmente essa ferramenta de trabalho muito mais ligada ao trabalho, ela não é tão acessível para o jovem. Então a gente está tendo muito contato com jovens que não sabem o mínimo de informática básica.

Ada: E também que não tem acesso...

Hedy: Não tem acesso, não tem oportunidade de acesso, não tem disponibilidade de comprar um computador razoável pra ter algum tipo de contato. Muitos, levando em consideração a trilha que eu aplicava, que era uma trilha mais inicial, mais de 80% da sala não tinha computador. A gente também tem essa dificuldade, aí a gente deixa o recorte maior né? Do tipo, as pessoas já não têm acesso a tecnologia, as mulheres já têm menos incentivo ainda, então é efeito cascata que vai afastando essas pessoas de terem a área de tecnologia da informação como possibilidade de carreira.

Entrevistadora 2: Durante o tempo que a gente ficou lendo, teve um artigo que eu li que tinha uma entrevista muito interessante sobre o fato de tipo assim, a casa tem um computador, esse computador fica no quarto do menino porque o jogo está lá. E eu conheço casas que realmente são assim... se o menino está no quarto, as outras pessoas da casa nem acessam o computador, elas têm que pedir emprestado pra ele. E também isso era porque eu

gostava de jogar, hoje em dia eu não jogo mais, mas quando eu jogava eu achava absurdo o valor que eu precisava pagar pra jogar um jogo, o computador pra rodar qualquer jogo hoje em dia tem de ser o computador... uma placa de vídeo custa mais que um celular.

Ada: É... um inicial pra game custa mais de quatro mil. É bem caro. Mas eu acho que tem muitas questões também, eu acho assim... que os professores muitas vezes eles não têm esse preparo também pra ver ‘olha, precisa direcionar também pra isso’.

Entrevistadora 1: Você diz na escola ou na universidade?

Ada: Não no ensino básico, na escola. Porque é ali que a criança vai criar interesse e provavelmente é o caminho que ela vai seguir, e não tem, a gente conversa com os professores e eles mesmos muitas vezes não sabem mexer, tipo, um programinha básico sabe? Se os professores tivessem um preparo, não ser um programador, não é isso, mas ter o mínimo de preparo eles poderiam fazer com que os alunos ficassem interessados. Tem vários jogos, tipo de programa, tem um que se chama App Inventor, que faz aplicativo, que é super fácil e poderia ser incluído numa aula de matemática porque tem lógica e poderia ser incluído para fazer um cálculo, sabe? Acho que tem muitas questões, mas acho que as meninas, entre meninos e meninas, os meninos são mais direcionados. Igual a Hedy falou, é a menina que se destaca que vai ser direcionada.

Entrevistadora 1: Na trajetória escolar de vocês, os professores de exatas, matemática, física, química, eles eram homens na maioria?

Hedy: Eu tive professora de matemática mulher, mas é a exceção da exceção, agora física, química, praticamente todos os homens. Matemática, a maioria esmagadora foi homens... do tipo, não tive ensino formal de informática, relacionado à escola. É do tipo, eu era da época do ‘faz um cursinho de digitação com informática básica 1, aprender a mexer no Windows... na época que a gente ainda aprendia a mexer no Windows e você abria e era o Windows 8. Mas não teve... eu cheguei a fazer o técnico, que eu não concluí, mas cheguei a cursar o técnico em informática e tinha algumas mulheres, tipo assim, menos de 50% mas tinha um volume considerável. Só que das que se formaram lá, pouquíssimas das que se formaram no técnico foram trabalhar com a tecnologia da informação, ou foram continuar a graduação nesse quesito.

Entrevistadora 1: Vocês acham que isso também está relacionado a essa falta de incentivo na escola?

Hedy: Mas não acho que só, é um efeito cascata, não tem um investimento federal, não tem investimento estadual, não tem investimento municipal, e aí não tem um professor de informática básica e nem um laboratório mínimo pra ninguém ter... o que a Ada fala que eu acho que muito interessante é que nesse ambiente onde não tem, sempre sobra mais para o

homem entendeu? Nesse sentido, o pouco que tem é direcionado para o sexo masculino. Tipo assim, é exatamente o que a gente falou ‘ah, você joga...’, muitos e muitos meninos têm a narrativa parecida do tipo ‘ah eu gostava muito de jogo tal... eu quis saber como que fazia o jogo tal e vim pra computação’, muitos.

Entrevistadora 1: Vários colegas assim?

Hedy e Ada: A maioria.

Hedy: A grande maioria, é do tipo... eu não tenho intimidade com muitas meninas, praticamente com nenhuma menina, então eu não posso afirmar o que traz as meninas para a computação, nesse sentido..., mas eu vejo que muitos meninos a maioria, a grande maioria é essa relação com o jogo.

Entrevistadora 1: E jogam até hoje? O que você sente deles?

Ada: Como assim?

Entrevistadora 1: Ah tipo, eles jogam e isso reuni eles?

Ada: Não tem assunto, porque o assunto é entre eles e a maioria é sobre jogo, e as coisas assim... a maioria das meninas que eu conversei, nenhuma jogava... e se jogava nunca comentou. Pelo menos a maioria (das garotas) falou a questão das oportunidades, assim... eu acredito que as meninas entrem mais por causa das oportunidades na Computação, do que por realmente gostar. Acho que tem algumas que devem gostar, mas a maioria assim, pela oportunidade que o curso oferece.

Hedy: Porque querendo ou não é área mais crescente, e entre aspas o que eu vou falar agora, mas a única que tem a perspectiva de um futuro próspero, do tipo, a gente está na crista da onda. Se a gente for fazer uma retrospectiva, os avanços dos três últimos anos da tecnologia, a gente partiu de momentos em que a gente estava muito habituado com a rotina do era ter acesso a internet, aí a gente teve essa alta da A.I, da A.I generativa, processamento de imagem, A.I. do Chat GPT, agora a gente já está vendo o apple view pro, que está trazendo uma questão de realidade mista, que é um tecnologia que já está despontando... são tantas coisas que estão boladas e evoluindo, eu acredito que nem a própria universidade consegue se atualizar em tempo hábil pra se atualizar do que está sendo produzido aí fora. Então, é um mercado extremamente próspero e é do tipo...

Ada: Mais seguro na minha opinião, engenharia civil por exemplo, muitos já falam que não é a mais segura... eles falam que não vai substituir, mas eu tenho as minhas dúvidas assim, eu não sei se eu vou ver isso, mas eu não acho que, tipo assim, eu acho que em algum momento a máquina vai fazer o trabalho, das contas e tudo. Só que aí, por exemplo, muito das meninas quando elas vão para as exatas, elas vão para as engenharias, e nunca é para a engenharia da

computação é sempre pra civil. O que eu via na escola era engenharia civil, direito e medicina, que erma consideradas as áreas que trariam sucesso, nunca a ciência da computação, nunca... eu descobri a computação foi por conta de eu ver alguns familiares meus, senão eu nunca teria essa informação, nunca me foi passado isso...

Entrevistadora 1: Você nunca vislumbra essa possibilidade? Imagina quantas meninas não têm acesso a esse tipo de informação?

Ada: Acho que muitas meninas... e também tem a pedagogia, que pelo menos aqui em Poços é forte entre as mulheres... na verdade, acho que como tem pouca gente fazendo (pedagogia) tenha um futuro, mas hoje não tem. É sempre pra essas áreas que as meninas são direcionadas...

Entrevistadora 1: As áreas do cuidado, a Psicologia, a Medicina, mas é uma formação muito cara... nem todos tem acesso, apenas um grupo social tem acesso a uma faculdade de medicina.

Ada: Mas eu acho que a ciência da computação não é uma área assim... o Gil (nome fictício), até que faz um trabalho de levar para a escola, mostrar os óculos e tudo, mas não é uma área que assim... na minha época eu nunca vi um professor de computação falando sobre a área, nunca. O Gil que faz esse trabalho aqui na faculdade, acho que o Aureliano (nome fictício) também, mas só também... a Juliana, muitas vezes não é ela, seria legal ela ir... porque ela é uma representativa (feminina). E tem aquela coisa do homem da comutação, é aquele nerd. Quando o pessoal fala que é da computação sempre pensa num cara super nerd, de óculos, nunca pensam em uma menina.

Hedy: E ainda sim o Gil é um ponto fora da curva, porque normalmente associam a um homem branco. Associam com mais facilidade um homem branco... um nerd de óculos, branquelo, e pra firmar ainda o estereótipo assim, fora de forma, pra ter todo esse estereótipo cinematográfico do que é o nerd. E do tipo, tem alguns estereótipos desses na computação, acaba tendo... até porque, a pessoa não é muito direcionada para outra área, é tipo 'ah você é nerd vai fazer coisa que todo mundo fala que nerd faz'. Só que as meninas mesmo quando elas são nerds ninguém direciona elas pra áreas de tecnologia, é 'ah, vai fazer medicina', 'vai fazer engenharia'... essas coisas que nem a Ada falou.

Entrevistadora 1: Existe um estereótipo da mulher da ciência da computação?

Ada: tem, tem! Eu acho de verdade eles associam mulher da computação com lésbica, pelo menos o que eu conversei de verdade é a menina isso já escutei dos próprios meninos do curso.

Hedy: Não sei só tenho contato com o Otto

Ada: E a gente vê por fora, é um preconceito dos meninos do próprio curso não vê as meninas. É uma ou outra.

Hedy: Aí eu acho que a gente entra em um negócio de ferir ego, sabe? Sabe a essa mulher sobre qual que eu não posso ter o desejo sobre ela, porque ela pode ter uma nota melhor do que a minha, então eu não vou me validar porque eu sou nerd e se eu não for o nerd o dominador eu sou invalidado, aí tem uma relação de masculinidade frágil que abre porta para outras e outras discussões, mas eu não sabia em relação de achar isso

Ada: Nossa já escutei cada comentário nesse ponto e de pessoas de fora também não foi só de meninos no curso. Pessoas de fora da faculdade, por isso achei que você ia falar isso, pra mim é uma coisa que eu já comentei outras meninas e tem mesmo.

Hedy: Não eu como nunca ouvi, eu realmente do tipo assim basicamente desde que sei lá do meio do primeiro período eu me relacionando só com o Otto, com ele eu estou com ele no intervalo eu estou com ele nas aulas eu estou com ele fazendo as coisas procuro quase não me comunico com outros seres humanos então eu nunca tinha ouvido falar sobre meninas lésbicas fazerem computação, apesar de ter um número relevante de meninas lésbicas fazendo computação.

Ada: Mas antigamente eu acho que era pior isso meninas, o estereótipo, tinha sim da galera mais velha, mas que ainda tem, mas talvez um pouco menos

Entrevistadora 1: Você acha que tem no mercado de trabalho? Ou é diferente?

Ada: Isso eu não vou isso eu não sei se vou conseguir responder porque eu tenho praticamente zero.

Hedy: É eu também não tenha ciência nenhuma em relação a isso.

Ada: Assim, empresas grandes estão optando por contratar mulheres, mas empresas menores eu não sei se elas preferem homens.

Hedy: Tem uma empresa de Poços que prefere homem declaradamente pelo dono, do tipo assim é aquele negócio, meu marido é da computação então tipo assim o homem ele tem acesso a informações que às vezes não chegam até a mulher, porque homem comunica com homem muito nesse sentido, de tipo assim de dono de empresa abertamente falar que não gosta de contrato a mulher e quando o contrato ainda acaba não sendo receptiva e não acaba sendo legal. Mas aí a gente teve, mas isso é relacionado a ciência querendo ou não a ciência é parte da tecnologia também a gente teve o escândalo do caps mesmo que eles estavam dispensando é mestranda e doutoras as mulheres por conta da maternidade né. Então as mulheres são atingidas por todos os lados de todas as formas seja no mercado de trabalho seja no setor acadêmico a gente é prejudicado né em vários fatores que vão restringindo a gente pra manter

aquela premissa de que se uma mulher tem que ficar em casa parece que tudo direcionado para isso, mas eu confio que tipo assim como a gente tá tendo aos poucos cada vez mais mulheres alcançando cargos maiores ou alcançando relevância divulgando, tipo assim dentro da área de dados é por exemplo, tem um grupo no Discord que chama mulheres em dados que ele seu nome dela tem mais de 15000 mulheres conectados lá eles divulgam curso divulga vaga, grupo de leitura várias coisinhas nesse sentido, isso na computação é legal que a computação eu sinto que ela se fecha mais comunidades só que eu acho que as comunidades virtuais são muito mais fáceis de serem levantadas do que as presenciais

Entrevistadora 1: A gente vê aqui na faculdade que não tentativa de fazer um grupo né.

Ada: Eu fiquei surpresa eu pensei que mais meninas iam vir, porque quando converso elas falam aí tem uma oportunidade e elas não vem, não faz sentido tipo assim ok tem gente que trabalha, mas tem gente que não trabalha que poderia estar aqui

Entrevistadora 1: O que vocês acham que pode fazer, porque tem a vontade né? pelo jeito que vocês começam o que elas trazem.

Ada: Olha o motivo realmente não sei por que a surpresa é eu acredito assim do primeiro período pode ser por vergonha por ter começado eu quase entrei na sala para chamar, mas aí eu falei assim não sou tão corajosa assim, estava com o povo primeiro período

Hedy: Você poderia ter me chamado eu sou bocuda mesmo.

Ada: Porque tipo eu quase fui, mas não tive coragem, estou tendo aula com o boca e eu sou um, mas para ver se eu sabe dar uma animada, mas eu estou surpresa por sua nessa porque eu não acho as meninas que estão na computação sem atitude acho que todos tem a sua personalidade entendendo sim que pode ser timidez.

Hedy: Mas eu acho que do tipo assim eu achei que até outras meninas que normalmente participam de outras iniciativas aqui estariam aqui, eu também essa entendeu? Eu imaginei que teria algumas pessoas aqui que são mais ativas que sei lá participe de PUC aberta, participa de evento eu achei que eu ia até falar da revista

Entrevistadora 1: É talvez também o tempo a gente teve que fazer um pouco apressadas, porque as coisas aqui na clínica para combinar precisa ser bem combinado a gente precisa agendar para usar espaço pelo horário e da autorização lá para a ciência da computação para a psicologia

Entrevistadora 2: E assim eu acho que aqui, querendo ou não estamos formando é o nosso projeto de TCC e não podíamos ficar adiando, temos prazos. Mas assim eu me

disponibilizo assim, sem envolver nosso TCC, eu pelo menos me disponibilizo. Se vocês quiserem a gente está presente

Ada: Se elas tivessem vindo hoje eu até animava, mas assim de verdade não foi legal da parte delas, porque para mim não adianta reclamar e não ter atitude para resolver, porque só ficar reclamando não adianta nada, porque a gente sabe que tem uma exclusão das meninas é óbvio todo mundo sabe, mas aí só ficar reclamando não faz sentido.

Entrevistadora 1: Isso você percebe desde o primeiro período?

Ada: Meu primeiro período foi online aí depois eu me aproximei só das meninas da minha sala, mas é uma coisa que eu converso só que como eu fico rodando entre períodos sabe eu não consigo me conectar totalmente mas sempre que eu converso que é um assunto que é eu puxo sabe, elas percebem que elas são excluídas sim e em algum momento elas vão ser excluídas em algum momento elas serão invalidadas, se elas tirarem nota maior que nem a Hedy falou fere o ego deles.

Entrevistadora 1: E você percebe isso?

Ada: Eu percebo, tanto que teve problemas quando meninas foram destaque acadêmico, falarem que não mereciam, que foram escolhidas apenas porque eram mulheres, mas na verdade era porque elas tinham talento mesmo elas estudaram para caramba tiraram nota boa, como os meninos também. Eu já lidei com três pessoas que foram destaque acadêmico e vi o quanto eles ralam, sempre as maiores notas são dele, sabe? Só que aí quando é um menino eles falam que é devido ele ser estudioso, mas quando é uma menina falam que é porque o Coordenador prefere colocar meninas para não ficar feio para curso, mas na verdade é só porque eles tiraram notas maiores mesmo, só isso que aconteceu.

Entrevistadora 2: Vocês até comentaram, homem convivendo com homem, existe uma sororidade, eles se ajudam, se protegem, eu vejo muito isso no trânsito.

Hedy: Você pode reparar que os meninos estão em grupos grandes de 3 a 6 meninos juntos e as meninas são em duplas ou duplas com meninos, ou sozinhas algo assim, os meninos geralmente andam em grupos grandes. Só eu que observei isso?

Ada: E quando um chega outro sai, já aconteceu isso. Tipo assim eles estão em um grupo conversando entre eles, aí você chega geralmente com outro menino ou as duas meninas chegam aí uma parte do grupo vai embora.

Hedy: Isso não aconteceu comigo, porque eu não busco interação.

Ada: de certa forma é triste, porque teve a oportunidade de criar um grupo, a partir de uma reclamação de várias meninas, mas aí fica essa solidão, a mulher vai continuar sozinha

Hedy: Eu entendo a sua revolta, que você fala que tipo assim pelo menos metade das meninas que chegaram até você e falaram isso realmente é um desconforto tivessem aqui hoje a gente teria uma conversa muito mais nutritiva digamos assim acerca do que a gente poderia fazer, porque entenderíamos melhor acerca das dores dessas meninas, onde aperta o calo mesmo sabe? Às vezes a gente acaba não tendo nem ciência total das coisas, sabe? Fica tipo assim é ruim e ponto.

Entrevistadora 1: Mas o que é ruim? O que é ruim para o outro? Será que acontece com todo mundo? O que a gente pode fazer? Mas assim vocês consideram que a sororidade existe? Ou fica só da boca para fora?

Hedy: Como eu posso dizer? Eu não fui tão bem recebida, mas aí eu não posso falar sobre as meninas das ciências da computação, eu não fui tão bem recebida por uma pessoa em específico, entendeu? Sabe como posso dizer? O fruto de uma amizade eu entrego um pouco de mim para você e você entrega um pouco de você para mim e a gente vai tendo essa troca recíproca e vai desenvolvendo uma relação, e foi uma pessoa que aparentava estar desenvolvendo uma relação comigo e rompeu essa ligação baseada em não sei e se afastou; só que assim eu sou muito determinista em relação a algumas coisas, do tipo assim eu já não converso mais com essa pessoa, se eu tiver que desviar meu caminho eu desvio; quando realmente não agrega na minha vida, quando uma pessoa teve um comportamento, algo que não me agrega eu corto relações com tranquilidade, mas ai como eu falei foi um ser humano em específico, não posso determinar todos os outros seres humanos.

Ada: Como foi a pergunta mesmo?

Entrevistadora 1: Assim o apoio entre vocês, se existe? Se existe só da boca para fora? Só fala e não age.

Ada: A maior parte é nesse caso, vai falar e não age. Tenho amigas mais próximas que a gente se ajuda, mas assim o restante eu estou muito surpresa, eu quase mandei mensagem perguntando se ia, mas pensei que era melhor não ficar insistindo e poderia ter feito, porque às vezes você pressionando, falar tipo assim que era uma coisa que te incomodava e deveria ter ido, porque é uma solução.

Hedy: É muito difícil levantar uma bandeira, porque a partir do momento que você abre a boca você está ficando um marco em você, você que está sendo o precursor daquilo e do tipo assim, eu vejo que não há uma liderança disposta em promover as coisas e não há uma comunhão das meninas para se organizar de alguma forma, foi o que ela falou hoje foi uma situação que a gente conseguiu ver. O Boca colocou no grupo para todas as meninas do curso

inteiro levando em consideração manhã e noite. E esperava que houvesse pelo menos umas 8 pessoas aqui no mínimo.

Ada: eu também esperava vir gente da manhã que tem mais disponibilidade, porque não trabalha. Eu realmente esperava.

Entrevistadora 1: Você acha que assim não tem uma consciência que assim seria bom criar essa rede de apoio mesmo. É diferente de uma relação de amizade, é uma rede como as comunidades

Ada: É uma coisa assim que me incomoda muito, tipo já aconteceu, de meninas desistirem do culto por sentirem culpadas, porque tipo assim você vê os meninos se tratando super bem aí você eles tratam com desprezo você pensa uma sala inteira agindo assim porque o problema sou eu, e praticamente todas as meninas sentem da mesma forma. Então é isso que me incomoda, tipo assim do primeiro período falar para elas não desistir que isso vai continuar o restante do curso, sim, mas só segue, você é mais importante, se coloque em primeiro lugar. Lógico que existem meninos que são legais, mas a união não vai ser igual.

Hedy: E o mercado não vai nos tratar da mesma maneira, querendo ou não. Por um tempo ainda haverá distinção de gênero. E a gente tem que se ajudar, porque são situações sobre as quais todas nós podemos passar, uma situação assédio no trabalho saber lidar e isso é muito mais comum do que a gente desejaria que fosse, ou às vezes você tem dificuldade com algumas coisas no trabalho só que seu chefe é muito complicado, entendeu? Então você tem que ter um lugar que você possa dizer gente me ajuda pelo amor de Deus, porque não quero precisar falar com ele, porque vai ser muito chato, me ajuda aqui; Eu vejo que os meninos, pelo menos no meu marido, 90% das conexões dele são relacionados a computação, tipo assim ele está fazendo um projeto aí pergunta para alguém o que você está vendo sobre buddy strap? o que você está aprendendo de novo? Onde você está vendo curso? Onde está vendo vaga? E do tipo é algo que está sendo muito difícil de adquirir sendo mulher na computação.

Ada: E essa questão da rede ser maior entre os homens atrapalha o profissional, porque às vezes tem uma oportunidade incrível, mas aí eles chamam os amigos, eles vão dar preferência pelo homem. Isso já aconteceu comigo, do tipo assim ter os mesmos requisitos, mas é sempre chamar o menino. E aparece muita oportunidade legal depois que a gente começa a ter experiência. E sempre que aparece uma oportunidade boa sempre a indicação será para os amigos homens e só quando não tiver um amigo homem que vai indicar uma mulher.

Entrevistadora 2: Gente então devido ao horário de vocês vamos encerrar, muito obrigada pela presença de vocês.

Entrevistadora 1: Muito obrigada.